



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
LICENCIATURA EM TEATRO**

RAIMUNDA SILVA MORAES



Uma flecha não bastou para calar a sua voz: a comunidade de Bom Jesus em Cena.

RAIMUNDA SILVA MORAES

**UMA FLECHA NÃO BASTOU PARA CALAR A SUA VOZ: A
COMUNIDADE DE BOM JESUS EM CENA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso Licenciatura em Teatro da UFPA, como
exigência para a obtenção do título de Licenciada
em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. José Denis de Oliveira
Bezerra.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA**

Moraes, Raimunda Silva

Uma flecha não bastou para calar a sua voz: a comunidade de Bom Jesus em cena / Raimunda Silva Moraes; orientador Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra. 2016.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Teatro) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura Plena em Teatro, 2016.

1. Festas religiosas. 2. Cultura popular – Santo Antonio do Tauá (PA). 3. Festividade de São Sebastião – Santo Antônio do Tauá (PA). 4. Teatro de rua. I. Título.

CDD – 22.ed. 394.266

RAIMUNDA SILVA MORAES

**UMA FLECHA NÃO BASTOU PARA CALAR A SUA VOZ: A
COMUNIDADE DE BOM JESUS EM CENA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso Licenciatura em Teatro da UFFA, como
exigência para a obtenção do título de Licenciada
em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. José Denis de Oliveira
Bezerra.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra

Orientador

Prof.^a Dr.^a Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida

Examinadora

Prof. Dr. Miguel de Santa Brígida Júnior

Examinador

Prof.^a Esp. Rosilene da Conceição Cordeiro

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo registrar as memórias da comunidade de Bom Jesus do município de Santo Antônio do Tauá/PA, a partir da festividade de São Sebastião. Nosso condutor são as lembranças das ações de Job Barbosa, que ao receber de seu pai a imagem de São Sebastião, iniciou uma vida religiosa, cultural e social na localidade, através das ladainhas, folias, pajelança e a festividade. Os caminhos, metodológicos e teóricos são a História Oral e os Estudos da Memória, como Bosi (1994), Freitas (2002), Fernandes (2011), Thompson (1992), que nos auxiliaram no levantamento de dados, por meio de entrevistas, e na reflexão das memórias coletivas, que se apresentam por intermédio das convivências dos comunitários em grupo, e as individuais que são memórias pessoais, fundamentais para a realização da atividade cênica desse processo de pesquisa. Dessa maneira, os depoimentos e relatos de moradores de Bom Jesus, feitas no período do ano de 2013 a 2016, foram de extrema importância, pois vivenciaram essas manifestações, contribuindo significativamente para o processo desse trabalho. Entendo, assim, que é possível fazer um cruzamento desses elementos, articulando um vínculo com as memórias de um lugar, de uma família, que ajudam na reconstrução de um passado e enfatizam histórias do presente que se tornam também memórias.

Palavras-chaves: Memórias, Bom Jesus, Job Barbosa, Festividade, São Sebastião.

ABSTRACT

The present work of Course Conclusion aims to record the memories of the community of Bom Jesus of the municipality of Santo Antônio do Tauá / PA, from the festivity of São Sebastião. Our conducting are the memories of the actions of Job Barbosa, who on receiving the image of St. Sebastian from his father, initiated a religious, cultural and social life in the locality, through litanies, revelry, pajelança and festivity. The methodological and theoretical paths are Oral History and Memory Studies, such as Bosi (1994), Freitas (2002), Fernandes (2011) and Thompson (1992), who assisted us in the collection of data, And in the reflection of the collective memories, which present themselves through the coexistence of the community in a group, and the individual ones that are personal memories, fundamental for the accomplishment of the scenic activity of this research process. Thus, the testimonies and reports of residents of Bom Jesus, made during the period from 2013 to 2016, were extremely important, since they experienced these manifestations, contributing significantly to the process of this work. I thus understand that it is possible to cross these elements by articulating a bond with the memories of a place and a family that help in the reconstruction of a past and emphasize stories of the present that also become memories.

Keywords: Memories, Bom Jesus, Job Barbosa, Festivity, San Sebastian.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Pág.

Fotografia 01. Imagem da cidade de Santo Antônio do Tauá.	15
Fotografia 02. Imagem de Bom Jesus.	17
Fotografia 03. Job Barbosa com a imagem de São Sebastião.	18
Fotografia 04. Grupo de foliões ensaiando antes de começar a apresentação das folias.	31
Fotografia 05. Foliões apresentando as folias.	32
Fotografia 06. Chegada da comunidade na casa de Marcos Furtado.	35
Fotografia 07. Maracá usado por Job Barbosa usado em seus rituais.	40
Fotografia 08. Imagem da cuia usada por Job Barbosa em seus rituais.	40
Fotografia 09. Ensaio utilizando figurino e adereços.	62
Fotografia 10. Imagem do primeiro desenho da cena.	63
Fotografia 11. Atuantes ensaiando o ponto.	65
Fotografia 12. Ensaio da cena da Festividade.	67
Fotografia 13. Daniel em posição de Pajé na cena	70
Fotografia 14. Imagem do grupo divertindo-se no ensaio.	72
Fotografia 15. Capela de São Sebastião em Bom Jesus.	73
Fotografia 16. Imagem de São Sebastião doada para a igreja	74
Fotografia17. Procissão de São Sebastião na abertura da Festividade 2016.	77
Fotografia18. Homens carregando o mastro na abertura da Festividade 2016.	78
Fotografia19. Lourdes Furtado emocionada com a passagem de São Sebastião.	79
Fotografia 20. Homenagem a São Sebastião em frente à sede do Floresta Esporte Clube.	80
Fotografia21. Imagem de São Sebastião na procissão da Festividade 2016.	81
Fotografia 22. Apresentação do Teatro no terreiro da igreja.	82
Fotografia 23. Marcação do bingo na Festividade.	84
Fotografia 24. Desfile das misses de São Sebastião 2016.	85
Fotografia25. Apresentação do carimbo com o grupo de mulheres.	86
Fotografia26. Celebração da Santa Missa.	87
Fotografia27. Apresentação do cinema.	88

SUMÁRIO		Pág.
Introdução		10
Capítulo I- Alegrai-vos, irmãos devotos, ao ouvir som de tambor: glorioso São Sebastião que em vossa casa chegou.		14
1.1. Abençoai os seus devotos com vosso divino amor: Job Barbosa e sua história com Bom Jesus.		15
1.2. Os devotos se alegram com a chegada de janeiro: As ladainhas de São Sebastião em Bom Jesus.		20
1.3. Cheirou cravo, cheirou rosa no sacrário de Maria: as folias de São Sebastião de São Sebastião em Bom Jesus.		27
1.4. Abre as portas Jurema, pra soltar meus cavalheiros e não deixar o mal passar.		36
1.5. Pena e Maracá: as práticas de pajelança de Job Barbosa.		43
1.6. As vozes ditas do outro lado.		47
1.7. Memórias de vida.		54
Capítulo II- Processo Criativo: Bom Jesus em Cena.		60
2.1. O simples se transforma.		61
2.2. Teatro e Bom Jesus: saberes, experiências e trocas.		62
2.3. Memórias e Oralidades e suas importâncias no ato de criar.		68
Capítulo III- A Festividade de São Sebastião em Bom Jesus.		73
3.1. Uma experiência na festividade de São Sebastião no ano de 2016.		75
Considerações Finais.		91

A minha mãe Maria Moraes, pelo apoio em todos os momentos, e pelas fortes orações em toda a caminhada, que me mantêm de pé. A razão da minha vida.

A meu pai Marcos Furtado, por todo carinho e respeito em todas as circunstâncias. Meu maior amor.

A minha avó Ana, por representar a imagem de Deus na terra.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro plano, agradeço a Deus pela inspiração, por me conceber a Santíssima Trindade: em nome do pai, do filho e do espírito santo.

Em segundo plano aos anjos e santos de Deus: São Sebastião, Maria mãe de Deus, Santa Rita de Cássia e toda a madre celeste (aos “caboclos de Job: Pena verde, Iracema, Jurema e outros).

Agradeço em especial a minha Mãe Maria Moraes e ao meu pai Marcos Furtado, pela vida e por toda a força e amor que me dedicam em todos os momentos.

A família Moraes, (todos meus irmãos e irmãs) que me deram força, que rezaram por mim e contribuíram de alguma forma para o meu crescimento.

Ao meu professor e orientador, Denis Bezerra, por todo carinho e dedicação, pela paciência e compreensão e por toda a força que me deu em toda a caminhada. Obrigado!

Aos professores da Escola de Teatro e Dança (ETDUFA) pelo conhecimento repassado.

A toda turma do ano de 2012, pelos risos, alegrias, aprendizagem e toda contribuição acadêmica e pessoal.

Aos meus amigos, de longe e de perto, que sempre estiveram nas arquibancadas torcendo por mim, (Leonardo Bahia, D. Lurdes, Álvaro Sanches, Levy, Kelly, Daniel, Selma, Adimilson, M^a Rafaelle, Vinicius, Ramayane, Sônia, Huwanderson, Clenilton, Gilson e em especial Janete Pereira pelos conselhos e palavras sábias). E a todos que moram em meu coração.

À comunidade de Bom Jesus, que sempre me apoiou aos foliões e todos que me ajudaram direta e indiretamente. A Oneide Ataíde, Manoel de Belém, Cristina Furtado, Maria Dorotéia.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
LICENCIATURA EM TEATRO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos cinco dias do mês de setembro do ano de dois mil e dezesseis, às dezoito horas e trinta minutos, na Sala vinte e dois da ETDUFPA, reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos professores: Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra (orientador), Prof.ª Dr.ª Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (examinadora), Prof. Dr. Miguel de Santa Brígida Júnior (examinador) e Prof.ª Esp. Rosilene da Conceição Cordeiro (examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso, de autoria do aluno RAIMUNDA SILVA MORAES, intitulado: Bom Jesus: memórias, festas e devoção. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi Aprovado com conceito Excelente
com as seguintes observações:

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 05 de setembro de 2016.

José Denis Bezerra
Orientador (a)

André
Examinador (a)

Miguel de Santa Brígida Júnior
Examinador(a)

Rosilene da Conceição Cordeiro
Examinador (a)

Introdução.

Falar dessa pesquisa é um orgulho muito grande, porque aqui tenho a oportunidade de apresentar o meu olhar sobre o meu lugar, a minha família e a minha trajetória no âmbito artístico, mais precisamente no teatro. Recordo a minha mãe Maria Moraes me chamando para ir à igreja para as celebrações da palavra, as novenas e os terços na capela de São Sebastião em Bom Jesus, em Santo Antônio do Tauá. Esse chamado da minha infância me ajudou no fortalecimento da fé católica e o entusiasmo para ir além daquele lugar, pois foi na igreja que alimentei a crença na perspectiva dos meus estudos irem além do ensino médio.

Embora afastada da comunidade de Bom Jesus, morando na cidade de Belém do Pará, entrei na Universidade Federal do Pará em 2012, para cursar Licenciatura em Teatro. Foi nesse período que comecei a observar a comunidade de Bom Jesus com olhar diferente, já não era apenas o chamado da minha mãe que me estimulava, mas, sim, o lugar como um todo, não se resumindo apenas à igreja e sim a todas as histórias dos meus avós, dos meus pais, meus irmãos, meus tios e toda a localidade. Nesse caminho universitário, fui conhecendo linguagens artísticas que amadureceram a ideia de escrever sobre Bom Jesus, por ser o local onde renovo, constantemente, as energias.

Dessa maneira, o teatro e a comunidade são os alicerces para essa pesquisa, porque falamos da construção comunitária e dos pioneiros da história de Bom Jesus. Portanto, as ferramentas de trabalho são as memórias e a história oral, pois o *corpus* da pesquisa vem das experiências da minha comunidade, fundamentadas nas reflexões acadêmicas sobre esse campo de conhecimento.

Assim, é oportuno dizer que o campo da memória vem sendo muito utilizado por alunos que se interessam em falar de um período histórico de um lugar, que não seja numa linguagem necessariamente histórica, mas que envolva as experiências de pessoas que vivenciaram a concretude dos acontecimentos do mesmo, e ultrapassem as memórias coletivas e individuais, essas às quais se cruzam com todos os elementos de uma vida, entre elas a cultura e a religião. As memórias dão novos rumos para a pesquisa, necessário um trabalho árduo, com ganhos e perdas, mas que valem à pena serem visitadas até chegar ao que se deseja.

Portanto, nesse trabalho, vamos falar das práticas religiosas existentes na comunidade de Bom Jesus, no município de Santo Antônio do Tauá. Nesse círculo, são encontradas manifestações religiosas e culturais, umas que pararam no tempo e outras que continuam vivas. Entre essas redes estão as ladainhas, as folias e a festividade de São Sebastião, incluindo rituais voltados à pajelânça. E da contribuição dessas histórias para o processo criativo da cena.

É através de São Sebastião que conhecemos a história do meu tio Job Barbosa Furtado, pois a ele foi repassado o Santo, com intuito de ser guardado, e a partir desse momento

começou uma trajetória cristã e religiosa em Bom Jesus. E a religiosidade não se limita em rezar ladainhas e cantar folias, pois Job Barbosa tinha uma conexão com a pajelança. Com isso, podemos apontar que e por intermédio de São Sebastião que se conectam a fé no santo guerreiro e as entidades de Jurema, Iracema, Mestre Tem Tem Nerá e pena Verde.

As Ladainhas de São Sebastião, aqui citadas, são o ponto de partida para essa pesquisa, porque desde criança eu ouvia as pessoas mais velhas e o meu irmão Rozivaldo Moraes falar e cantar alguns trechos da reza, e eu me perguntava o que era a ladainha, mas nunca se falava dela sem falar das folias. Mais tarde, compreendi que uma andava junto da outra. Foi por meio dessa minha memória de infância e do convívio em Bom Jesus que resolvi falar dessa manifestação, e a pesquisa de campo me fortaleceu e possibilitou perceber que trajetória, é transpassada pela história da minha família, e por fim a minha história.

Portanto, para esse trabalho se tornar possível contei com a ajuda de pessoas que, de alguma forma, contaram e compartilharam as suas experiências, para fortalecer essa pesquisa. Entre essas pessoas foram entrevistadas Oneide da Silva Furtado, Manoel de Belém Aguiar, Cristina da Silva Furtado e Maria Dorotéia da Silva Furtado. Esses foram os narradores que doaram um pouco de seu tempo para a contribuição da história de Bom Jesus como um todo.

Feito isso, divido este trabalho em três capítulos. No primeiro, será introduzido sobre o município e a comunidade de Bom Jesus. Em seguida, faço uma apresentação da trajetória de vida de Job Barbosa, que se tornará o “esteio” desse trabalho, pois é através dele que se reconstrói a história do lugar, quando ele herda São Sebastião e constitui uma rede de práticas culturais-religiosas: a sua relação com as ladainhas, as folias e a pajelança. Mas existe uma situação a ser destacada, Job Barbosa é falecido, por isso, toda informação que aqui é elaborada vem do depoimento de sua esposa Oneide Ataíde e de suas filhas Cristina Furtado e Maria Dorotéia e Manoel de Belem.

Em sequência, falo das Ladainhas de São Sebastião, em Bom Jesus, que é uma reza em latim, que se enraizou no lugar pelo propósito de Job Barbosa, quando recebeu do seu pai a imagem do Santo e com um grupo saía pelas comunidades esmolando. Mais à frente, destacam-se as Folias, que junto com as Ladainhas faziam parte da caminhada do grupo que esse homem formou. Ressalto que, no final do ano de 2015 e início de 2016, as Folias foram atualizadas e outra vez cantadas no vilarejo, mas isso foi possível porque essa pesquisa passou a mexer nos tabus que foram impostas com o tempo, e hoje, se elas foram ouvidas são pelas possibilidades que a ida a campo me favoreceu, junto com outras pessoas para que as letras fossem resgatadas.

Seguindo nessa mesma intenção é apresentado o tema da pajelança, que será abordado a partir das práticas religiosas de Job, seus rituais e os materiais que ele utilizava como a cuia, maracá, cachaça, os incensos etc. Também haverá um tópico que apresentará uma nova maneira de ver as questões da religiosidade.

Ainda nesse capítulo, são aprofundadas as linhas teóricas da minha pesquisa, é o momento de ressaltar a História Oral como uma ferramenta de toda essa escrita, pois acredito que a oralidade também é conhecimento e que ultrapassa a história tradicional, pois dá vez e voz para as pessoas que são mais esquecidas na sociedade: “uma das mais profundas lições da história oral é a singularidade, tanto quanto a representatividade, de cada história de vida” (THOMPSON, 1992, p.174). É nesse universo da História Oral que recebo informações para esse trabalho.

Outro aspecto teórico é a Memória. Para Bosi (1983) “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e ao mesmo tempo interfere no processo atual das representações [...]. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”. Por isso, o estudo da Memória me permitiu entrar nas mais diversas histórias de Bom Jesus, que nem eu mesmo imaginava.

O segundo capítulo será introduzido o processo criativo da cena. Todo esse percurso vem trazer a tona o questionamento: Como trabalhar o Teatro a partir da linha de pesquisa que é oralidade e memória? Essa resposta é encontrada no primeiro dia de ensaio, pois foi nesse instante que consegui estimular cada participante da cena a desenvolver junto comigo histórias do nosso lugar, assim como a introdução do teatro na comunidade atravessado pelas histórias de Bom Jesus. A cena acontece, através da narração das histórias de Bom Jesus, começando pelas ladainhas e termina na festividade. No processo criativo, tive a oportunidade de dialogar com os jovens de Bom Jesus por uma linguagem teatral, e assumi a condição de diretora, algo que ainda não me tinha apropriado.

Através da cena, são transmitidas de uma maneira poética as memórias de Bom Jesus, nela se encontram todos os elementos históricos escritos, narrados através dos atores, que apresentam essa manifestação por um novo olhar, a encenação.

No terceiro capítulo, destacarei a festividade de São Sebastião da comunidade de Bom Jesus. Vejo esta manifestação como um novo contexto religioso e cultural do lugar, inserindo-se outra vez São Sebastião como protetor das histórias locais. Falarei de como surgiu essa nova maneira de saudar o santo, e como ela mexe na estrutura comunitária anualmente. Introduzo também, a minha experiência na Festividade no ano de 2016, onde tive a oportunidade de envolver em todo evento, como filha de Bom Jesus e pesquisadora. Falarei de uma série de atividades exercidas na Festividade, como o leilão, bingo, desfile de miss, teatro,

cinema e a Santa Missa.

Nas considerações finais, faz-se um apanhado de Job Barbosa, ladainhas, folias, pajelança, festividade, destacando a importância dos relatos dos moradores de Bom Jesus. Faz-se também uma intersecção por via da História Oral e Memória, especificando a junção desses elementos, que de uma forma ou outra dão importância às vozes dos menos favorecidos e eleva a história de um lugar, de um grupo para o universal.

1. Alegrai-vos, irmãos devotos, ao ouvir som de tambor: glorioso São Sebastião que em vossa casa chegou.

Discorrer sobre a devoção a São Sebastião é falar da história de várias pessoas, de famílias e de lugares que acarretam lembranças e/ou vivenciam essas experiências, por meio do espaço e do tempo. Buscamos a memória, a princípio, por causa de todo contexto, que abrange as vivências de indivíduos que falam de suas experiências e que as histórias, na maioria das vezes, são passadas de geração para geração, pelas práticas da oralidade. Sobre isso, Paul Thompson (1992, p.26) diz: “o que é muito certo uma vez que a finalidade social da história requer uma compreensão do passado que, direta ou indiretamente, se relaciona com o presente”.

Ou seja, a devoção a São Sebastião caminha com a trajetória de vida de muitos indivíduos que expõem vários significados e se diversifica por inúmeras vias: a religiosidade, o parentesco e os valores familiares. Por conta disso, é muito importante ouvir as falas dessas pessoas que carregam consigo fragmentos que ajudam na concretização dos eventos ocorridos em um determinado grupo ou comunidade. Por isso, essas vozes buscam se conectar com o passado, por meio das reminiscências e, ao mesmo tempo, adquire renovações da atualidade:

Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças, porque passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas, como o fim da energia a vapor, ou a migração pessoal para uma nova comunidade. Por meio de uma história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história (THOMPSON, 1992, p.21).

A devoção ao Santo guerreiro, São Sebastião, não se limita a uma imagem que fica num determinado lugar, é por meio da fé que se envolvem corpos e atitudes, fazendo com que suas consciências sejam divulgadas nos atos estabelecidos por momentos, esses momentos requerem uma qualidade suficiente para qualificar os procedimentos. Nada acontece por acaso, é por isso que sempre ouço dizer que maior do que se escreve é a realidade vivida, e as memórias guardadas de pessoas que ajudam no fortalecimento das histórias, pois, como afirma Thompson (1992, p.51):

Em contraposição, a reminiscência pessoal e as tradições particulares das famílias que raramente são postas no papel exatamente porque a maioria das pessoas não os considera muito importante para os outros-, é que se tornaram o tipo padrão de evidência oral. E em geral, apenas entre grupos de menor prestígio, tais como as crianças, os pobres da cidade, as pessoas isoladas no campo, e que hoje se coletam outras tradições orais, tais como jogos, canções, baladas e narrativas históricas.

É nesse sentido, que buscamos pessoas para relatarem sobre as Ladainhas e Folias de São Sebastião, em Bom Jesus, pois foi a partir das memórias de indivíduos que vivenciaram essa manifestação, que chegamos a uma das personalidades mais importantes desse lugar, o meu tio Job Barbosa.

1.1. Abençoi os seus devotos, com vosso divino amor: Job Barbosa e sua história com Bom Jesus.

A comunidade de Bom Jesus pertence a Santo Antônio do Tauá. Esse município fica situado a 56 km da cidade de Belém, na região Nordeste do Estado do Pará, fazendo divisa com os municípios de Santa Izabel, Castanhal, Santa Bárbara, Terra Alta, Vigia de Nazaré e Colares.

É um lugar que sobrevive da agricultura familiar, do comércio de confecções, funcionalismo público e empresas de produções granjeiros e dendê. Seu nome se dá por conta do rio Tauá, que banha grande parte do município, de nome indígena, que significa “barro amarelo”; e a devoção a Santo Antônio, unindo-se um ao outro ficou Santo Antônio do Tauá. Abaixo, temos a ilustração da cidade, mais precisamente em frente á paróquia de Santo Antônio de Lisboa.



Imagem da cidade de Santo Antônio do Tauá¹.
Fonte: Raimunda Moraes (2015).

¹ Foto tirada no período da festividade de Santo Antônio, a igreja de Santo Antônio fica situada na rua principal do município, quem passa por esse espaço é um dos primeiros monumentos a ser avistado.

Portanto, Santo Antônio do Tauá tem várias comunidades que compõe o município. No setor Bom Jesus são encontradas cinco comunidades, Triunfo, Edém, Campo Limpo, Taperinha e Bom Jesus. Esse último é uma pequena comunidade, que está situada na PA 140 km 29 no município de Santo Antônio do Tauá, formada pelas famílias que constituem o lugar atual, sobrevivendo da agricultura familiar, trabalho público e a venda de pedra.

Segundo os relatos dos mais antigos, por volta de 1900, Francisco Xavier Mendonça de Furtado, como governador do Pará nomeado pelo seu irmão Marquês de Pombal, requereu as terras das margens do rio Umbituba, e doou lotes para seus vinte filhos, no qual um deles deu origem a Daniel Furtado e Francisco Amaro Furtado. Foram crescendo, e mais tarde se uniu à família Ataíde, tomando posse das áreas mais próximas originando a comunidade de Bom Jesus. Segundo ANJOS e MIRANDA (2003, p.28),

Os Furtados foram se multiplicando. Francisco teve duas esposas e com cada uma delas dez filhos, sendo vinte ao todo e estes foram se enamorando dos colonos, índios e negros estabelecendo-se nos mais variados locais do Pará, segundo a sua “sorte”. Um dos netos de Francisco, Daniel Furtado fixou residência no que hoje se tornou a comunidade de Taperinha, a primeira comunidade do ramal. Naquela época não havia a rodovia PA 140, apenas uma estrada aberta manualmente para o tráfego de cavalos, comerciantes, pessoas do local para Vigia e Belém.

Assim, podemos dizer que Bom Jesus se inicia e se desenvolve com a família Furtado, mantendo essa história na memória dos habitantes mais antigos. Esse lugar, portanto, tem esse nome devido à passagem da imagem de Bom Jesus por esse local, sendo o primeiro santo a pernoitar² na comunidade. Em seguida, originou-se localidade de Bom Jesus, mas o santo padroeiro da comunidade é São Sebastião.

² Pernoitar para os moradores de Bom Jesus era quando Job Barbosa saía pelas comunidades pedindo donativos e dormia nas casas alheias. Assim, pernoitar tem o sentido de passar a noite fora rezando as ladainhas e cantando folias.



Imagem de Bom Jesus³.
Fonte: Raimunda Moraes (2015).

Job Barbosa Furtado nasceu em Bom Jesus em 04 de novembro de 1917, faleceu em 2000, e deixou sua esposa Oneide Furtado e seis filhos, que hoje ajudam nas histórias desse trabalho. É um dos membros fundamentais para todo esse contexto, pois foi ele que deu continuidade à manifestação religiosa e cultural de Bom Jesus, por ter recebido de seu pai a imagem de São Sebastião e fundado o grupo que rezava ladainha e cantava folia, o qual se destacou em todo o município. O grupo comandado por Job Furtado se desfez após ele envelhecer e adoecer, sem ter condições para levar a diante o trabalho. Por esse motivo entregou a responsabilidade nas mãos de Rozivaldo Moraes, pedindo que tomasse conta de todos os preparativos da festa. Oneide Furtado (2015) relata:

Quando foi em 2000 ele morreu, mas deixou a tradição que ele sempre pediu “meu irmão quem for vivo não pare, não deixe São Sebastião pro canto”. O Rozivaldo filho da Maria, o mais velho, foi em casa e ele fez uma reunião e ele disse: “Rozivaldo eu te mandei chamar, meu filho, aqui em casa, pra mim ter uma conversa contigo. Não tô dando mais conta do nosso Santo São Sebastião, nosso padroeiro (ele falou assim), então eu vou pedir que tu fiques como responsável pra ajuntar o pessoal, pra não deixar ficar assim. Então, vou pedir que tu fique como responsável, eu sei que eu não dou mais conta”.

A importância que Job estabelecia ao Santo era tão grande, que ao perceber que não daria mais conta entregou para Rozivaldo Moraes a responsabilidade. Nesse momento, Job não repassa apenas o Santo, mas sim a tradição da comunidade e todo cunho de trabalho

³ Foto retirada a tarde em frente o bar de Marcos Furtado, de frente com a igreja de São Sebastião. É nesse trecho que dá acesso as comunidades vizinhas, mais a frente tem o igarapé, que chamado de “ponte”, para a esquerda está situado as residências, e a frente dá acesso a PA 140.

desenvolvido por anos. Por isso, Job se estabeleceu como o homem fundador, não apenas das folias e ladainhas, mas também deu o primeiro passo para mais tarde a construção da capela em reverência a São Sebastião, onde outrora fora a casa de Job com sua primeira esposa.

Na imagem abaixo, a representação do Job segurando o oratório de São Sebastião em frente a sua casa. Nas minhas vagas lembranças, recordo que dentro da sala da casa dele havia uma mesa coberta com uma toalha branca e São Sebastião ficava em cima, sempre rodeado com fitas verdes e vermelhas. Recordo, também, que nesse terreiro que aparece na imagem era onde nós, crianças, corríamos e brincávamos de procissão, e, conseqüentemente, era esse espaço da casa de Job que no dia vinte de janeiro era enfeitado para festejar São Sebastião, com as ladainhas e folias.



Job Barbosa com a imagem de São Sebastião.
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Dorotéia

Não há possibilidades de falar da história de Bom Jesus sem dá uma ênfase em alguns fatos que me recordam a figura de Job, porque quando ele faleceu eu ainda era criança e recordo apenas ele na sua rede sem poder andar. Outras questões que recordo é o que eu ouvia falar dele durante a minha adolescência. E outra memória sobre ele é essa história: que no ano de 2006 a 2007, havia no setor de Bom Jesus preparação para a crisma dos jovens e idosos do setor ministrado pelo ministro Ronaldo Aguiar. A proposta do dia era relatar histórias dos Santos, para discutir no grupo. Meu tio Adimilson Ataíde, morador da comunidade do Edém, levou uma foto de Jurandir Ataíde representando o Santo de sua comunidade e de Job Barbosa o de Bom Jesus. Ao apresentar para as pessoas, todos ficaram admirados sem entender o que acontecia, ele por sua vez explicou dizendo que Job

era um santo da comunidade de Bom Jesus, pois foi ele que deu continuidade na vida cristã e religiosa naquele lugar. A comunidade católica só foi possível no espaço, porque Job se dispôs a levar a sério o trabalho por devoção e exemplo de São Sebastião.

Esse é um fato que me toca profundamente, porque os caminhos vinham sendo aplainados para a minha chegada, e eu ainda não fazia ideia do que me esperava. E hoje me sinto honrada em ter que dar continuidade nesse trabalho, pelo universo acadêmico, que oportuniza a entrada dessas histórias que muitas vezes se dão por “falecidas”.

Além das relações de Job com a igreja, sua missão não se limitava em rezar ladainhas e cantar folias, pois ele também se destacava como pajé. Acreditamos que seja nesse momento que São Sebastião cruza os paralelos existentes entre o catolicismo e a pajelança, que nesse trabalho irei enfatizar não como algo que não tem que ligar e sim religar, devido esses caminhos sempre estarem conectados desde oprincípio.

Em relação à pajelança, Job trabalhava com esse dom para ajudar as pessoas que precisavam de uma assistência física e espiritual. Situo a palavra dom porque é a palavra que a esposa de Job, Oneide Furtado, e suas Filhas Maria Dorotéia e Cristina Furtado usaram para definir o contato dele com a pajelança. Foi na pesquisa de campo que se abriu essa dimensão, além da crença católica, eu não sabia da prática da pajelança de Job, porque esse assunto é bem pouco falado entre as pessoas em Bom Jesus, talvez pelo receio de expor essas práticas.

Outro item a ser destacado na construção religiosa de Bom Jesus, por intermédio de Job Barbosa, é a atual festividade de São Sebastião, que ocorre no período que antecede o dia vinte de janeiro. Ele não construiu a igreja em sua físcalidade, mas plantou toda a vivência que existe até hoje, uma vez que ao repassar a Rozivaldo Moraes a responsabilidade de continuar, começou o pensamento da construção da capela.

São todos esses pontos que serão destacados nesse trabalho, que a meu ver o esteio é Job Furtado e tudo o que existe na geração atual é apenas um fruto compartilhado a cada dia por meio das pessoas que se dedicam anualmente para o atual evento continuar de pé.

1.2. Os devotos se alegram com a chegada de janeiro: as ladainhas de São Sebastião em Bom Jesus.

As Ladainhas de São Sebastião aconteciam em Bom Jesus, por volta dos anos setenta a noventa, formada pelo grupo ministrado pelo meu tio Job Barbosa Furtado. É importante ressaltar que as Ladainhas de São Sebastião não acontecem mais, porque Job Barbosa faleceu no ano de 2000, e antes do seu falecimento o grupo já havia se dispersado. Todo esse evento acontecia porque o pai de Job tinha a imagem de dois santos: São Benedito e São Sebastião. Por conta da sua idade, o pai dele não deu conta de cuidar mais dos Santos, as imagens viviam jogadas no tempo consumidas pela chuva e pelo sol. Certo dia, o pai dele resolveu doar para seus filhos, para Amaro Furtado, São Benedito que ficou na comunidade de Taperinha; e para Job Barbosa São Sebastião, que ficou na comunidade de Bom Jesus.

O grupo criado por Job era formado pelos jovens da localidade: Renato Aguiar, Bernardino Pereira, José Cristovão, Manoel de Belém, entre outros. Saíam pelas comunidades vizinhas no início de janeiro até o dia vinte, quando é comemorado o dia de São Sebastião. Eles iam fazer esmolação⁴. Nessa caminhada, paravam nas casas onde tinha oratório ou a pedido das famílias e rezavam a ladainha e cantavam folias. A casa onde eles paravam para rezar, geralmente, era de um devoto que pedia ou agradecia graças alcançadas, na qual recebiam os donativos e fitas para enfeitar o Santo.

Nesse tempo, em várias comunidades que eles esmolavam não havia energia elétrica e nem estradas amplas, isso fazia com que o grupo saísse pelos caminhos escuros e dormissem nas casas alheias. Nesse mesmo sentido, almoçavam e jantavam por onde eles passavam. Por tais motivos, o grupo, em especial Job, era conhecido por todo o município, pois havia poucos grupos pelas proximidades que exerciam essaprática.

As Ladainhas de São Sebastião era uma manifestação religiosa rezada em latim, que mantinha o Coro e a voz. Era uma forma de oração que consistia numa série de invocações e súplicas pronunciadas pelos devotos, para pedir ou agradecer graças alcançadas. Entre essas rezas, aconteciam às folias, também voltadas ao Santo, esta já cantada em português, sendo usados instrumentos para compor as cantorias, como diz Ysmaille Oliveira (2010, p.16):

na manhã do dia seguinte, os foliões com suas vestimentas, acordavam as pessoas da localidade ao som da ladainha da alvorada, existia também, o dia da Ascensão, que era diferenciado dos demais dias, pois neste dia o santo era coberto com um pano vermelho e os foliões permaneciam na casa o dia todo.

⁴ Esmolação era o ato de pedir, ou seja, o grupo saía da comunidade de Bom Jesus para receberem donativos dos devotos para que no dia vinte todos retornassem para festejar o dia do santo, eram arrecadados dinheiro, animais, frutas, fitas etc.

Assim, as ladainhas rezadas em Bom Jesus consistiam no latim vulgar, sua forma era concebida por devoção a São Sebastião. No entanto, a entrada nesse passado só foi possível porque por meio da voz de pessoas, entre elas, Oneide da Silva Ataíde, Manoel de Belém Aguiar, Maria Dorotéia Furtado e Cristina Furtado, que com disposição sempre estiveram dispostos a dar sua palavra. Freitas (2002, p.26) destaca a importância da oralidade: “a história oral fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também história. A história oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, religada ao passado”.

Esse processo de documentação ajuda na reconstrução de um passado, e ao presente esses fatos que se entrelaçam nessa linha das histórias de vida, possibilitando, assim, na construção e reconstrução da manifestação que acontecia na comunidade de Bom Jesus em Santo Antônio do Tauá, no contexto religioso e social.

As práticas ligadas à Festividade de São Sebastião, principalmente as religiosas, chegam em Bom Jesus, por meio da missão de Job Barbosa, ao receber de seu pai a imagem. Não se sabe a data precisa do acontecimento em na localidade, mas, segundo Oneide Ataíde (2013):

no início da ladainha, eu não posso lembrar direito, porque quando eu vim pra cá eles já tinham essa tradição, todo ano a festa de São Sebastião, a festa que chamavam então eu acompanhei de um tempo pra cá depois que eu casei com ele que eu acompanhei, mas já existia a ladainha de muito tempo eles já vinham fazendo.

Para essa amplitude da oralidade, a voz é aqui colocada como a ferramenta que constrói o papel de discurso retirado da memória, dando significado ao que se deseja do que passou e no que está acontecendo, pois, segundo Freitas (2002, p.27):

Na reconstrução do passado, a linguagem auditiva que se baseia essencialmente no uso da voz, exercerá um papel fundamental. Pois é como discurso que a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente. Além disso, a voz é um elemento em si, mesmo suas variações dão sentido ao texto transmitido, transforma-o, dando-lhe, muitas vezes, um significado além do que foi meramente dito.

Falar de um passado já é a construção de um presente que se modifica por meio das palavras, a memória se responsabiliza pelos símbolos que estão gravados, enquanto que a produção do presente é de quem fala. Por isso, todos que relatam das ladainhas ocorridas em Bom Jesus, à única certeza que pode se ter é que ela existiu e que cada ser guarda e faz as suas imagens, suas histórias. O que é repassado como memória de um grupo todos tornam

essências e os objetos nela existentes. No poema abaixo, revela-se essa essência, escrita pelo meu irmão Rozivaldo Moraes, uma pessoa muito importante na construção da história de Bom Jesus, pelo fato de estar direta e indiretamente em contato com Job Barbosa, e também foi entregue a ele a responsabilidade de prosseguir as festas voltadas ao Santo. Foi alguém que também vivenciou as ladainhas e folias no seu auge em Bom Jesus, além das últimas apresentações das ladainhas e folias escreve em seu poema (não publicado) a paixão e um pouco de sua experiência:

Viva são Sebastião

De repente me vejo no
passado Em um lugar pequeno
De muito verde, água límpida
Clima refrescante, talvez pelas grandes árvores.

Nos anos oitenta, já quase no fim,
De um tempo em que meus tios e
avós Deixavam seus trabalhos da roça
Pra sair com a imagem de São Sebastião
Pelas vilas e povoações e o povo dizia
sim.

Tio Joca no vocal e tambor
Expedito no reco-reco
Manoel Cláudio na viola
Bereco e fumaça no
pandeiro
Lindas folias, alegria, choro e devoção

Numa dessas, fui convidado
Aceitava mandados e até fui
tesoureiro Tudo se fazia com fé
O que se conseguia era para festa do padroeiro.

Ainda acompanhava o Miguel doido para
animar Almoço, janta na casa alheia
Dormindo tarde, acordando cedo bem
animado Só para não deixar em branco o dia
de festejar

Na comunidade Bom
Jesus se reunia na ladainha
Devotos e carpinteiros,
roceiro. Se rezava, se pagava
promessa Era festa de vinte de
janeiro⁵.

O poema acima representa as vivências e a descrição do que existia na comunidade, expondo o tempo, a tradição da família, o compromisso de sair esmolando, os componentes do grupo, os instrumentos, o banquete fora de casa e a devoção a São Sebastião. Nele, a descrição é fundamental para imaginarmos como seria, e o que se tem hoje para a atualização desses processos pertencentes à essa manifestação cultural. Percebe-se, também, que além de

⁵ MORAES, Rozivaldo. *Viva São Sebastião*. Poema não publicado.

ser um evento religioso era o momento de os devotos socializarem os bons momentos, reencontrar amigos e viver prazeres da vida. O evento que deixou de ser realizado ainda pode ser percebido pela lembrança que mantêm a manifestação na memória.

Na saída dos foliões para a esmolação dos donativos, o grupo se formava quinze dias antes, começando no início de janeiro até o dia 20 desse mês, quando é festejado o Santo. Essa caminhada se dava também como uma forma de evangelizar e convidar os demais para participarem dessa festa. Na caminhada dos foliões, eram arrecadados donativos, de lá vinham doações em forma de animais, farinha, frutas, dinheiro etc. Oneide Furtado (2013) diz que:

Era uma oferta que davam naquela época, eles davam o que podiam, o que queriam, quem não quisesse dá não dava também. Para cantar a ladainha eles não cobravam, só ganhavam café e janta, com isso era uma grande satisfação pra gente. Também outras pessoas eram devotas de São Sebastião faziam promessa, davam vela, vinha outro dali e já dava um metro de fita conforme os pedidos que eles faziam⁶.

Portanto, observa-se que a festa não era limitada à comunidade de Bom Jesus, mas ocorria uma grande circulação, envolvendo todos os indivíduos que sentiam prazer em participar. Todos os materiais arrecadados não eram utilizados após a ladainha e sim no dia vinte de janeiro, no qual a comunidade se reunia e fazia o banquete na espera dos demais. Tem aí uma essência que interliga uma classe que estimula o contato com outros, causando, assim, uma identidade cultural que permeia as memórias dos indivíduos que tiveram acesso a esse movimento, unindo a questão religiosa e social.

A religiosa se dá pela crença do sagrado, ou seja, acredita-se que forças superiores melhoram na maneira de pensar e agir na relação do cotidiano, causando, assim, um conforto naquilo em que se crer. De outro lado, a questão social se ampara pela movimentação que une essas crenças, a devoção e a festa voltadas aos Santos. As ladainhas do Padroeiro se elevavam na concentração de devotos que cantavam, rezavam e imploravam a ele melhorias na vida pessoal. Introduzem, nesse contexto, fatos que se ligam diretamente à cultura popular, nesse caso, as ladainhas não abandonavam sua organicidade, o que ela representa numa sociedade que segue uma tradição e se relaciona pelos fatos sociais existentes nesses grupos. Não se limita apenas no que se vê, mas se compõe por acreditar em relações que fortaleçam o lado material do lugar e a necessidade de oferecer aos visitantes uma festa colorida e com comidas em agradecimento. Por tais motivos, essa era uma maneira de expor um lado religioso e social dos fatos ocorrentes nesse período.

⁶ FURTADO, Oneide. *Op., Cit.*

Apesar de o grupo percorrer a localidades mais próximas, isso não significa a fuga às circunstâncias da capacidade dessas relações se chocarem por questões que são necessárias na construção de uma sociedade. Por isso, todo esse evento na comunidade de Bom Jesus ressalta a significância de toda uma história que traz sua importância.

As ladainhas de São Sebastião trazem todo um aprofundamento que se conecta a Igreja católica, pois eram rezadas em latim. Abaixo, as ladainhas na sua escrita original retirada do catecismo pertencente ao Job Barbosa:

kyrie, eléison,
christie, eléison
kyrie, eléison
christe, exaudi nós,
pater de coeles, deus, miserérenóbis
spiritussancte deus, miserere nóbis
sanctatrinitasunus deus, miserérenóbis
santa Maria, ora pro nóbis
sancta dei genitrix, ora pronóbis
materamábilis, ora pro nóbis,
materadmirábelis, ora pro nóbis.
Mater boni consili, ora pro nóbis
Mater Cretóris, ora pro nóbis Mater
Salvatóris, ora pro nóbis, Virgo
prudéntíssima, ora pro nóbis Virgo
veneranda, ora pro nóbis, Virgo
praedicanda, ora pro nóbis, Virgo
Potens, ora pro nóbis,
Virgo Clemens, ora pro nóbis
Virgo Fidelis, ora pro nóbis
Spéculumjustítiae, ora pro nóbis,
Sede Sapientiae, ora pro nóbis,
Causa nostraelaetitiae, ora pro nóbis
Vasspirituale, ora pro nóbis
VasHonorábilis, ora pro nóbis
Vas insigne devotionis, ora pro nóbis
Rosa Mystica, ora pro nóbis,
TurrisDavidica, ora pro nóbis
Turris Ebúrnea, ora pro nóbis
Domus Áurea, ora pro nóbis,
Foederis Arca, ora pro nóbis,
JanuaCaeli, ora pro nóbis, Stella
Matutina, ora pro nóbis Salus
Infirmórum, ora pronóbis
RefugiumPacatórum, ora pro nóbis[...]
oremus
gratiamtuam, quaesumus, domine, mentibusnostris infunde; ut qui, angelonuntiante,
christi filiituiincarnationescognovimus per passionemejus et crucem ad resurrectionis
gloriam perducamur. Amém⁷.

Além das ladainhas serem escrita e cantada em latim, ela requeria um comportamento diferente, pois não podia fazer de qualquer jeito, eram necessários ostrês

⁷ S/a. *Catecismo*. Taubaté/SP: A LUCCHESI & CIA, 1957.

tipos de vozes: a grave, a fina e a média. Observei que Manoel de Belém, ao cantar as rezas, levanta o peito, fixa o olhar em uma direção e fica com uma postura totalmente diferente do seu cotidiano. Isso se dá porque o corpo é responsável por captar mensagens guardadas na memória e reproduzir no mais puro de sua natureza.

O que se pensa nessa diversidade de histórias é a pergunta: o que levou o término de um evento que era considerado tradição em Bom Jesus? O que causa na comunidade uma perda da materialidade dessa manifestação? Essas são perguntas que requerem uma observação do íntimo da pesquisa, e aqui cabe ressaltar que é possível um desvendamento nas histórias de vida dos participantes dessa festa. A memória, essa ferramenta que possibilita esse cruzamento de ideias, possibilita construir um *corpus* estrutural do trabalho em questão.

Com relação ao primeiro questionamento, segundo os depoimentos adquiridos, os motivos que levaram ao término do evento surgem da fragilidade do homem que era o capelão das ladainhas, Job Furtado. Com a chegada da terceira idade, ele não pôde mais dar continuidade nessa caminhada, pois o que sabe é que necessitava de espiritualidade e o estado físico para levar a frente o trabalho. Com esse problema em pauta, os outros componentes se dispersaram sem um interesse maior para continuar, por esse motivo as ladainhas pararam de serem entoadas. Outro motivo se deu pelas pessoas que pararam no tempo junto com a velhice de Job Furtado, o que se percebe é a não transmissão das práticas culturais, os moradores se calaram, guardando para si o conhecimento que deveria ser repassado para os jovens, não houve uma constante a respeito disso, até porque o tempo mudou e a juventude entrou em uma nova maneira de viver.

Não podendo esquecer que a proximidade da localidade com a metrópole também ajudou a criar uma maneira de silenciar essa manifestação. A inserção das novas tecnologias como o rádio, televisão, telefone minimizou, de certa forma, a transmissão do saber popular referente às ladainhas e folias. Por esse motivo, ficou uma precariedade muito grande na memória da juventude, observando-se pouco conhecimento dessas manifestações pelos mais novos (jovens e crianças).

A segunda pergunta vem produzir em nós muitas indagações, porque todo evento na comunidade se dava por questões culturais e religiosas. Perder-se no tempo significa ficar em um buraco que não se preenche, pois junto dessa festa, não morre, mas se esconde a identidade de um povo, a história de um lugar, e nas vagas lembranças as experiências dos moradores daquela época. Deixar de lado o princípio desse lugar é deixar nossos jovens crerem que não tivemos história, que a palavra ladainha e folia nunca existiram, e que os mais

velhos não tiveram encontros pessoais, religioso e social. É esquecer-se dos pioneiros de todo um contexto que está entre o sangue, o corpo e a memória.

Apesar de esse evento ter tido todos esses contratempos de cair no silêncio e de ser coberto pelo tempo, ainda assim nasce junto com esse trabalho a esperança de pelo menos uma vez no ano que essa reza aconteça. Talvez não para ser o mesmo acontecimento que foi no passado, mas como uma realização que é possível ser feita com outro olhar, nesse caso, artístico, ou seja, outro olhar que seja tocado. Além disso, torna-se uma possibilidade de produzir algo que interfira no lazer dos idosos, uma faixa etária de certo modo esquecida por não conter uma manifestação artística e/ou cultural voltada para eles. São sujeitos a presenciar os eventos atuais, que não é ruim, mas que deixa a desejar para essa massa que viveu em outro tempo e que vivenciou as ladainhas como um estilo de vida. Acredita-se, portanto, que a atualização desse acontecimento atravessará essas pessoas, esses indivíduos são de extrema importância para a comunidade, não apenas de Bom Jesus, como também para todos os outros cantos do mundo.

É nesse balanço que as ladainhas eram cantadas, com alegria, devoção e fé. Surgidas pela missão de Job Barbosa, que a semeou naquele lugar, e por seu trabalho e energias positivas que elas chegaram até mim, de uma forma diferente e com a mesma força. Por meio dela, será possível falar da emoção que sinto em escrever dessa amplitude de significâncias para além do simples ato de escrever.

1.3. Cheirou cravo, cheirou rosa no sacrário de Maria: as folias de São Sebastião em Bom Jesus.

Folia é um caso sério, não é brincadeira!
Oneide Furtado

As folias de São Sebastião eram organizadas pelo mesmo grupo que rezavam as ladainhas, portanto, é importante ressaltar que elas acabaram junto com a reza cantada, até porque era um complemento das ladainhas e uma forma de reverenciar, acolher, agradecer e despedir de oratórios⁸ e famílias por onde o grupo percorria. A folia era uma letra criada pelo o organizador do grupo, Job Furtado, escrita em português, em tom diferente da ladainha, eram usados vários instrumentos como o banjo, o reco-reco, o tambor, o pandeiro e a viola, as notas também criadas pelos tocadores. Vale enfatizar que esses instrumentos não poderiam ser feitos de qualquer maneira, o tambor, por exemplo, tinha que ser fino com um metro e meio, caso contrário não servia para ser tocado. Essas eram maneiras de trabalhar em grupo, era o que se acreditava e nenhum momento essas atitudes foram tiradas o seu valor, por acreditar na competência da habilidade das pessoas que criavam todos os elementos para formar o grupo.

As folias não se limitavam apenas em homenagem a São Sebastião e sim nos outros santos que dependendo do lugar ou da casa eles reverenciavam. O grupo saía de comunidade em comunidade levando o som das folias, chegando às casas onde eram recebidos faziam a folia de acolhimento, da ornamentação da mesa e oferecimento do jantar ou da merenda. O grupo saía pelas comunidades levando alegria e fé, pois acreditava que com essas caminhadas arrecadaria donativos para a festa do Santo, além de convidar pessoas para participarem da festa no dia vinte de janeiro. Essa atitude dos grupos saírem a outros lugares é muito comum em outros espaços, assim é destacado:

Os moradores mais antigos contam que o divino era constantemente acompanhado por sete foliões. Eles saíam pelas ruas conduzindo o Divino e esmolando. Assim, sem dia marcado os foliões pediam ou esperavam que as pessoas ofertassem os seus donativos. Eles levavam ainda duas bandeiras nas cores vermelhas e brancas, e um bombo que ia sendo batido pelo caminho para anunciar que o divino estava passando. Os foliões faziam a escolha da casa na qual iria ser rezada a novena em latim (FERREIRA, 2010,p.5).

Assim, observa-se que essa tradição está concentrada em vários municípios do estado, sendo comumente ligada à igreja católica, que tem uma influência muito grandenese

⁸ Oratório é um espaço onde os mais antigos guardavam suas imagens de santos. Feito de madeira com um formato de casa ou de igreja.

contexto religioso e cultural. As folias de Bom Jesus nos aproximam de festas bem mais conhecidas no Pará, como a de São Benedito em Bragança, apesar de alguns traços em comum há suas diferenças. Esses grupos de foliões se organizam de acordo com o momento e o lugar em que esse fato acontece em Bragança, por exemplo, os foliões saem em comitivas, do campo, da praia e da colônia, cada grupo com uma função, mas não deixa de ser uma esmolação, assim:

Comitivas são os grupos de jovens e senhores que, empunhando estandartes e bandeiras do santo, e instrumentos musicais que acompanham ladainhas e cânticos de louvores, realização a arrecadação de donativos para o santo, como pagamento de graças alcançadas pelos promesseiros (...). Em geral o encarregado é um folião experiente de anos na prática da esmolação, podendo também ser indicado, mesmo jovem, por ter responsabilidade e liderança, ou mesmo por ser filho de um encarregado mais experiente. O encarregado convida seus subordinados, os foliões – músicos, rezadores, cantores -, para comporem sua comitiva, em média de 10 a 12 componentes; também pode ter o promesseiro, que participa da esmolação não como convidado, mas porque está ali pagando graça alcançada (FERNANDES, 2011, p. 66-68).

Assim, em Bragança mesmo com a mudança do tempo ainda existe essa tradição que continuam sendo cultivadas nos dias atuais assemelhando-se a manifestação que ocorria em Bom Jesus, dando ideia de que essas tradições são elevadas em muitos lugares. Existe também a importância desses grupos, pois há o dever de cultivar uma memória e uma identidade que passam de uma geração para a outra, embora em certos lugares isso seja coberto pelo tempo, por mais que tenha ficado para trás há uma esperança que se acende pela lembrança, que se torna viva por meio da fala, da disponibilidade em reerguer essa ocasião com a necessidade de criar e recriar histórias de um lugar e de pessoas. Este é um caso particular de Bom Jesus, que se alegrava com a voz que corria pelas matas e caminhos da floresta e se encostava às pequenas casas e vilarejos que ali pertenciam, mas que havia uma ternura em estar caminhando em passos leves. Os foliões não mediam esforços para batalhar nas encruzilhadas das terras secas e molhadas dos caminhos, iam não apenas pela fé, mas pela responsabilidade de organizar um grupo, e isso nunca morreu, se escondeu por trás de um olhar, de um sorriso e de uma voz que ecoa:

Ele queria em outro som, mas não dá. Não tem sentido. Olha uma folia é coisa de respeito, vou te explicar agora: é uma oração que tem que ser toda direitinho, é respeito, avisa a turma todinha que não é brincadeira é caso sério, não é festa profana (Oneide, 2015)⁹.

⁹ FURTADO, Oneide. *Entrevista*. Realizada por Raimunda Moraes, em Bom Jesus no dia 05 de novembro de 2015.

Na fala de Oneide, há todo um jogo de sentimentos, atravessados pela esperança na ideia de atualizar as folias e ao mesmo tempo o receio em torná-la banal a oração. Observa-se, ainda, uma preocupação: entoar a folia sem perder a sua originalidade e potencialidade, porque oração é uma coisa séria, é uma conversa dos seres humanos com o sagrado, com Deus.

Apesar da preocupação de Oneide, destaca-se um ponto positivo em seu relato: a folia é caso sério. Foi por esse motivo que, no final de 2015 e início de 2016, Bom Jesus acordou outra vez ao som das folias. Foi por meio desse trabalho e a insistência constante em atualizar o grupo que conseguimos outra vez levar as folias adiante, nas conversas com Oneide Furtado, Manoel de Belém e outros membros da comunidade. Aos poucos, foram surgindo as letras das folias. Confesso que foi uma caminhada muito difícil, talvez a parte mais complicada da pesquisa, porque a proposta sempre foi atualizar as ladainhas e folias, mas devido alguns membros do grupo serem tímidos nunca foram às reuniões marcadas, porém, com a ajuda de Dorotéia Furtado as letras foram resgatadas e entoadas pelo grupo, atualmente formado por membros antigos: Manoel de Belém, Renato Aguiar, José Cristóvão e Oneide Furtado. Os mais recentes são Sandro Furtado, Emanuel Furtado e Maria Dorotéia.

Já havia uma desistência sobre a atualização das folias, tinha virado um sonho que só ficaria no papel. Mas, em dezembro de 2015, recebi um vídeo com o atual grupo cantando as folias na casa da minha tia Oneide, foi uma emoção muito grande, saber que aconteceu sem eu estar por perto, foi a vontade própria do grupo que levou a sério. As folias passaram a fazer parte da programação da festividade 2016 de São Sebastião, todas as madrugadas e as noites eles faziam as peregrinações nas famílias e a folia foi o que despertou a curiosidade de todo o setor Bom Jesus.

Na noite de quinta-feira, trinta de dezembro de 2015, ao subir a ladeira da comunidade do Edém, em uma escuridão profunda, avistei pequenas lamparinas acesas e ouvi vozes baixas, fui me aproximando e na pequena claridade observava a cor vermelha, e ao chegar mais próximo eram as flores que enfeitavam o andor de São Sebastião. Segui a caminhada ao som das músicas católicas e a oração do Pai Nosso. Entramos no bar do meu pai Marcus Furtado, o quarteto que levava o andor despojou na mesa a imagem do Santo, e foi a primeira vez que ouvi uma folia no seu estado concreto:

Bate o sino na capela, Madalena o que será?
É sinal da Ave-Maria
Ave-Maria vamos rezar.
Ave-Maria/ cheia de graça,
Senhor é convosco; bendita sois vós/

Entre as mulheres ,bendito é o fruto/do vosso ventre/
para sempre amém Jesus

Essa é uma música de acolhimento, ou seja, quando os foliões chegavam a uma casa eles cantavam devido a aceitação da família, e também quando havia a imagem de Nossa Senhora na casa que os acolhiam. Essa foi cantada no bar do meu pai, Marcus Furtado, com o grupo atualizado, pois nesse período estava acontecendo as peregrinações antes da festividade, pois as folias ajudam na chamada das pessoas para participarem da programação da festa.

Depois dessa parada, seguimos o caminhado rumo à casa de Cleiton Furtado. Por meio de um caminho escuro, rodeado de mato, mais a frente avistamos uma casa enfeitada com bandeirinhas verdes e vermelhas, outra vez o Santo foi despojado na mesa e foi entoada outra folia, essa em especial me toca profundamente, porque foi a primeira que tive acesso e ouvir na voz de Oneide Furtado. Quando todos se concentraram as batidas dos instrumentos começaram a ecoar:

Alegrai irmãos devotos, ao ouvir som de tambor Glorioso
São Sebastião, que em vossa casa chegou. A virgem Maria
chorava, por seu amado Jesus
Ao ver seu filho morto, e os braços cravados na cruz.

Glorioso São Sebastião, nosso grande intercessor, Abençoai
os seus devotos, com vosso divino amor. Os devotos se
alegram, com a chegada de janeiro Rezam terço e ladainha
para seu santo padroeiro.

Assim, nessa alegria, as folias que foram atualizadas foi o evento mais falado no ano na comunidade. A folia citada acima é uma letra de saudação, é quando São Sebastião chegava às casas e a família acolhiam a imagem, o grupo saudava com essa música. Assim, aos poucos, o grupo foi tomando forma e cantaram as mesmas letras cantadas por Job Barbosa. Abaixo, o registro de alguns componentes do grupo se colocando na posição para cantar: na viola, José Cristóvão; no tambor, Manoel de Belém; e no reco-reco, Manoel Furtado:



Grupo de foliões ensaiando antes de começar a apresentação das folias.
Fonte: Raimunda Moraes (2016).

Também cabe enfatizar o comportamento da comunidade perante tudo que acontecia inclusive minhas observações em relação ao grupo. Posso começar com a maneira que os indivíduos se colocavam em relação ao momento: cantada a folia, primeiro o ritmo, a batida do tambor com os outros instrumentos foi priorizada. Em seguida, em sequência lenta e no instante que a voz entra o ritmo é modificado, ficando dessa vez mais acelerado. A voz, conseqüentemente, segue as linhas que Manoel de Belém disse: a grave, a média e aguda.

Segundo, observei a postura dos foliões, eles ficam todos juntos e na hora de começar a folia um olha para o outro e o tambor dá o primeiro toque, os outros instrumentos acompanham, os homens levantam o peito e ficam sérios, enquanto a música não encerra, nenhum se desconcentra. Por fim, o terceiro ponto, a comunidade, um encontro de seus moradores, relatou, alguns, que nesse momento lembraram da época de Job quando cantaram e ficaram com o olhar distante, como se estivessem voltando no tempo. Os mais novos são mais empolgados, é algo novo para eles, e com grande alegria acompanharam nas palmas, que conforme as mudanças da batida mudam as batidas das mãos. Não podendo esquecer que todas as folias são tocadas no mesmo ritmo, sendo diferente a toada e as letras. A seguir a ilustração dos foliões se apresentando na casa da minha mãe Maria Moraes:



Foliões apresentando as folias (2016).
Fonte: Raimunda Moraes.

Os momentos acompanhados foram muito importantes, para fortalecer as minhas observações sobre os paralelos existentes, no que ouvi nas vozes que ativaram a memória para representar o que foram as ladainhas, e as folias no passado e a concretude dessas falas sendo apresentadas outra vez em um novo tempo com velhos e novos manifestantes. Antes, os foliões seguiam viagem nas outras localidades, com intuito de anunciar a chegada da comemoração de São Sebastião e de receberem donativos, que ajudaria na grande festa do dia vinte.

Atualmente, apesar das folias serem observadas com olhares diferentes, ela não se limita à oração, seguem o mesmo interesse da época de Job, porque não só o grupo como a comunidade toda sai todas as madrugadas e todas as noites de casa em casa, levando a mensagem do evangelho e trazendo as pessoas para estarem inseridas em todo o contexto da festividade. De outro lado, com o interesse de arrecadar ofertas, isso acontece de uma maneira diferente, os donativos se transformaram em bingos, todos levam dinheiro para comprar o sorteio e quando é arrecadada uma quantia satisfatória começa o bingo. Esse é um momento crucial para todos, porque é uma forma da comunidade se distrair, arrancar risos, se envolver um com o outro, é quando todos falam uma mesma linguagem. Tem também o lanche, a casa que recebe o Santo oferece alimentos para os participantes degustarem do que é oferecido, na maioria das vezes é o tradicional café ou mingau.

Assim aconteceram as noites e madrugadas de dezembro a janeiro. No dia 02 de janeiro de 2016, convidei o grupo para apresentar as folias em minha casa, foi o momento mais oportuno, considerei o feriado de final de ano, sabia que estava lá muitas pessoas que vivenciaram no passado, inclusive o meu irmão Rozivaldo Moraes e Expedito Furtado, filho de Job, que foram peças fundamentais no grupo antigo. Chegaram os foliões, e aos poucos foi-se agregando pessoas de todas as comunidades: idosos, jovens e crianças. Essa noite foi diferente das demais, porque as folias foram cantadas não para a celebração da novena das madrugadas e das noites, mas apresentou-se como manifestação cultural, para o olhar do outro. Havia uma energia diferente, a movimentação na comunidade foi muito grande, lembro que pela tarde um foi avisando o outro e no final um agradecimento especial de Rozivaldo Moraes que disse: “fico muito feliz e grato por vocês terem feito nascer de novo, ao Joel que estar se empenhando muito, a Teia, o Kadida, o Renato, o Bitu. Vocês estão todos de parabéns porque estão firmes e fortes nessa caminhada”.

Percebe-se, nesse relato, uma gratidão por estar nascendo um novo ciclo das folias. Destaca-se nesse momento o valor próprio, ou seja, a valorização de um sistema que estava fixo num período diferente de hoje, mas que se abre ao novo, sabendo que, apesar de ser algo próprio de um grupo, não deixa de ter ligações com a cultura, e essa cultura se dispõe em ir além do que existe, pois daqui há algum tempo ela continuará sendo cultura com tudo que foi modificado, porque é nesses detalhes que se reconstrói a identidade:

A modernidade nos põe à mostra que os cânones do eterno classicismo eram viáveis, e a modelização e imitação, antes de dinamizarem a cultura, impunham o culto, pela catequese. A resignação, no novo mundo contemporâneo, passa a ser banida em todos os setores e a cor local se opõe aos pincéis da metrópole. Mas nada seria, ou é possível, enquanto se considerar que existem formas simbólicas passivas, que devem, sim, ser passíveis do deslizamento em busca de novos significados, ou pelo menos, da ampliação dos antigos. É ir ao encontro de novos verbos e substantivos para fazer a ação sobre a ideologia do colonizador (FERNANDES 2011, p.25).

O que se observa é que a preocupação maior não é a mudança que as folias sofrem, e sim o que ela representa em Bom Jesus, nesse determinado período. Por ser uma cultura que aceita as transformações, por acreditar em sua continuidade, e ao permitir a entrada das práticas urbanas, que oferece a ela novas possibilidades para seguir adiante, ao levar a história de um povo, que sua durabilidade e resistência permanecem. Depois de seguir o caminho, descrevendo o que aconteceu naquela noite, é hora de recordar a folia cantada em reverência ao Divino Espírito Santo, na qual pedi ao grupo para cantar, porque é através dessa música que se abre as minhas inspirações:

Saudamos a casa santa, onde Deus fez a morada
Onde estar o cálice bento, e a hóstia consagrada.
Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos Deus
Nosso Senhor dos nossos inimigos, em nome do pai, do filho e
do espírito santo, para sempre amém Jesus.

Que pombinha branca é aquela? Que no céu estar voando?
É o Divino Espírito Santo, que está nos abençoando.

Levo em consideração o que cada folia, nas noites quando elas aconteciam, ativava em mim, uma chama que não era apenas um elemento voltado ao meu interesse acadêmico, mas por acreditar que a cada passo andado sempre há energias que vão além do cunho social, de uma maneira mais clara, exponho as minhas forças, além da física, pois em cada instrumento e pessoa que vi ali era o fundamento da minha existência, e os símbolos presentes iam muito além do meu cotidiano. Para isso,

Concluimos que o símbolo é uma questão de uso social, que vai além da obediência à “razão”, imposto, algumas vezes, por meio da força, mas que também é sentimento e afeição quando o símbolo sofre a rotineirização da vida cotidiana. O homem ao ultrapassar o universo físico e também criar e viver num universo simbólico inventa formas desse simbólico existir, e que são a linguagem, o mito, a arte e a religião, momentos em que, mais que o universo físico, ele está emocionalmente envolvido, pois as formas simbólicas nascem e tem como fim o sujeito (FERNANDES 2011, p. 26).

Portanto, cada item existente nas folias, sejam nas narradas como nas atualizadas, ultrapassam linhas dos objetos no seu sentido normal, há uma barreira quebrada que transmite um envolvimento mais forte. É nesse balanço que se inventam as formas existenciais da linguagem, mito, arte e a religião, e nesse contexto estar visível simultaneamente. E para fechar a noite emocionante que acontecia na casa do meu pai ecoava a canção:

Jesus Cristo luz do mundo, nascido lá em Belém
Filho da virgem Maria, Jesus para sempre amém.
Deus santo anjo do céu, que anunciou Maria
Encheu a terra de cravos e rosas, e o nosso coração de alegria.
Nosso Senhor Jesus Cristo, por nós padeceu na cruz
Perdoa os nossos pecados, oh nosso amado Jesus.

Questionei-me do porquê das folias, assim como a ladainha, serem em homenagem a São Sebastião, mas somente uma música leva o nome do santo. E nessa letra citada acima há a relação de Deus com Maria, em especial a Jesus Cristo. Vou tentar explicar, por um ângulo pessoal. Por mais que São Sebastião fosse o homenageado, não se falava apenas dele, e sim de uma crença ampla que está voltada direta e indiretamente com o catolicismo. A insistência no nome Jesus, talvez por causa do nome da comunidade, porque apesar de São Sebastião ser

o padroeiro do lugar, o primeiro santo que pernitoiu na localidade foi o santo Bom Jesus.

Cristina Furtado (2015) relata:

E a origem do nome Bom Jesus foi porque o primeiro santo a pernitoiar na casa do meu avô. Eles vieram esmolando e pernitoiaram na casa do meu avô, então como não tinha nome a localidade eles colocaram de Bom Jesus, deu origem ao nome da comunidade, por isso hoje se diz comunidade de São Sebastião, localidade de Bom Jesus¹⁰.

Assim, imagino que a cultura popular e religiosa tem seus significados universais, mas cada grupo ou lugar tem uma intimidade própria com o elemento produzido, e Bom Jesus tem essa comunicação muito própria, essa conexão com o sagrado. Nas longas paradas, para escutar as palavras de cada pessoa, citaram a mim o nome de São Benedito, São Pedro, Nossa Senhora, Divino Espírito Santo, Bom Jesus e São Sebastião. Por isso, as folias requerem letras além do Santo guerreiro, elas agradam a todos. Foram passando as horas e ao terminar todos degustaram do mingau, e meu coração se encheu de alegria, pois naquela noite escura, muitos sonhos foram reacendidos. Recordo cada detalhe vivido naquele momento, a imagem colocada abaixo, na noite quando tudo aconteceu, aos poucos cada pessoa foi chegando e ocupando seu espaço no pátio dacasa:



Chegada da comunidade na casa de Marcos Furtado – 2016.
Fonte: Raimunda Moraes.

¹⁰ FURTADO, Cristiana. *Entrevista*. Realizada por Raimunda Moraes, em Bom Jesus no dia 29 de novembro de 2015.

E, assim, as folias aconteceram, percorrendo os caminhos de Bom Jesus, com sonho realizado, porque há mais de vinte anos não se ouvia uma folia naquele lugar. Tudo só foi possível por causa do grupo que se fez presente o tempo todo e levou adiante as memórias das pessoas que viveram essa festa, e também aos novos caminhantes que de alguma forma sabem de onde veio essa tradição. A viola tocada na folia é a mesma usada por Job, antigamente, é o único instrumento que ainda está em seu estado físico próprio, apesar de sofrer pequenas modificações. Talvez a viola de Job Barbosa guardasse a esperança de um dia suas cordas ressoassem a nota que ele mesmo criou, salve Job Barbosa! Onde quer que ele esteja está olhando por nós.

Por fim, acrescento as folias como criação artística, é através dessas memórias ativadas que levo para os palcos, com intuito de apresentar as histórias e as lembranças de Bom Jesus, e também interagir com o meu próprio corpo, pois ali estar à história da minha família, do meu lugar e as minhas raízes, os galhos dessa árvore pode estar no outro lado do mundo, mas é ali em Bom Jesus que está o meu princípio, e esse não será abandonado.

1.4. Abre as portas Jurema, pra soltar os meus cavalheiros e não deixar o malpassar.

Meu intuito nas idas a Bom Jesus sempre foi falar das ladainhas e das folias presentes nas festividades de São Sebastião, mas não imaginava que ali seria um cenário dos encantados, lugar onde se escondiam “segredos” mágicos. Aos poucos, Oneide Furtado foi revelando os primeiros indícios desse assunto, e através dela suas filhas foram se abrindo. Devido ao receio das pessoas, a pajelança nunca foi um conteúdo divulgado no lugar, issotalvez se dê pelo o forte catolicismo na localidade e o imaginário coletivo de que algo nesse sentido seria “macumba”, e a “macumba” é vista como algo do mal.

Recentemente, ouvir o meu irmão Rozinaldo Moraes falar que anos atrás se reuniam algumas pessoas para fazerem um “encontro”, os indivíduos que participavam eram destacados como pajés. Esse encontro se dava porque eles faziam uma chamada para afastar o mal olhado da comunidade de Bom Jesus, diziam que tinha muita coisa ruim querendo se apropriar do espaço. Era o momento de unir as forças e seus caboclos para o bem comum do lugar. Mais tarde, entendi que ainda hoje o lugar tem uma energia muito positiva, as coisas sempre dão certo, e isso desperta um olhar, digamos “torto”, para tudo que ocorre em Bom Jesus. Suponho que essa luta pelo bem da comunidade do mundo encantado já vem desde muitos e muitos anos, com a mudança do lugar, das pessoas esse caráter vem sendo silenciado coberto, e por mais que exista algo referente, ainda assim ésilencioso.

Job Barbosa também tinha sua relação com a pajelança, e não se sabe precisamente o início das primeiras sessões de trabalho, porque era muito íntimo, não envolvia muitas pessoas. Para a sua família, era um dom que ele tinha: “acho que ele já tinha o dom dele, se não fosse o dom dele não teria acontecido isso, ele não teria um pretexto”, relata a sua filha Cristina Furtado¹¹.

Job trabalhava com os encantados, entre eles o Tem-tem Nerá, Iracema, Jurema, Tupinambá e Pena verde, o material usado por ele era pena, maracá, cachaça e cigarro. Para entender esse universo, é necessário estabelecer uma visualidade ampla sobre esse aspecto, isso porque o dom de pajelança tem uma categoria muito própria que se desenvolve de acordo com o lugar e o momento em que ele ocorre. A pajelança se destaca na Amazônia e se caracteriza por junções de práticas e rituais da natureza. No artigo sobre medicinas populares e “pajelança cabocla” na Amazônia, Raymundo Herald Maués (1978, p.73) enfatiza que “a pajelança cabocla se fundamenta na crença nos “encantados”, seres invisíveis que se apresentam durante os rituais incorporados no “pajé” (isto é, o xamã) que é a figura central da sessão de cura. Começando pela descrição de um ritual de pajelançatípico”.

Sendo assim, essa prática contida por rituais, ainda receosa abrange uma dimensão extensa que cruza outras crenças, pois, ainda segundo Maués (Idem):

A pajelança cabocla é uma forma de culto mediúnico, constituído por um conjunto de crenças e práticas muito difundidas na Amazônia, que já tem sido estudado por outros pesquisadores. Tendo provavelmente, segundo Galvão (1976), origem na pajelança dos grupos tupis, esse culto, que hoje se integra em um novo sistema de relações sociais, incorporou crenças e práticas católicas, kardecistas e africanas, recebendo atualmente uma forte influência da umbanda. Seus praticantes, entretanto, não se veem como adeptos de uma religião diferente, considerando-se “bons católicos”, inclusive os pajés ou curadores que presidem as sessõesxamanística.

Embora se estabeleça relações, digamos preconceituosa, para com os “pajés” eles se inserem nas constituições da sociedade, até porque não tem como fugir da existência humana. Esses grupos que vivenciam os encantados estão espalhados por toda a parte, inclusive muitos se consideram católicos.

Essa diversidade e evidências das capacidades do ser humano se dão por questões não pessoais e sim espirituais, o contato com o sobrenatural. No caso de Job, não era diferente, pois havia o momento que ele sentia a necessidade de fazer o ritual, por mais que não fosse uma prática constante dele, mas quando os caboclos “mexiam” com ele (termo usado pela família) havia a quebra de contato com a realidade, buscando assim a assistência

¹¹ FURTADO, Cristina. *Op. Cit.*

ao ritual. Essa maneira de lidar com o encantado se mostra na voz de Dora Furtado, que diz: “ele fazia só o básico, era por isso que ele levava tempos para fazer o trabalho. Ele fazia a chamada de tempo em tempo, isso quando a ‘pajelança’ vinha perturbar ele, tinha a necessidade de fazer a chamada”¹².

Logo, pode-se dizer que o contato com a pajelança também necessita inteiramente do corpo e da natureza, já que os encantados são invisíveis e necessitam de um cavalo, como se diz, para revelar o seu trabalho, assim:

A “pajelança” refere-se a um conjunto de práticas de rituais e de representações da natureza e do corpo, típicas das populações amazônicas, aplicado principalmente pelos pajés nas curas das doenças e aflições. Habitualmente considera-se, em antropologia, que tal “conjunto” (de ritos e mitos) enraíza-se na cultura de cada povo. Existem, assim, tantas pajelanças quanto povos diferentes existentes no Norte do Brasil, tanto nas sociedades indígenas quanto no mundo “caboclo” ou “camponês” [...] Assim uma característica geral da pajelança está nessa flexibilidade cultural, permitindo uma importante heterogeneidade de conjuntos rituais e míticos, e uma longa distribuição em todo espaço social (SANTOS, 2004,p.3).

Portanto, os encantados têm o seu “mundo”, ao se conectar com a raça humana se faz composição de um núcleo social, essa dimensão se enraíza na cultura de cada povo, nos ritos e rituais e o contato direto com a natureza e o corpo. Mas esse contato do invisível com o indivíduo não poderia ser à toa, todo esse processo se estabelece para a ajuda dos homens. No caso de Job, ele usava a pajelança para fazer o bem e ajudar o próximo com os benefícios dos encantados, seu trabalho voltava-se para o bem comum do próximo, pois, como relata Dora Furtado¹³:

A relação dele com a pajelança era uma relação boa, a gente não via usando a pajelança para fazer mal para as pessoas, então era uma relação bem básica mesmo. Pra benzer uma criança, pra curar, rezar um quebranto de uma criança, usar um banho dependendo da situação, então, ah a flechada! Isso curava flechada, com isso que ele trabalhava.

A partir disso, destaca-se que a ligação dos seres invisíveis tem como finalidade ajudar as pessoas para a melhora corporal e espiritual, sendo que a prática de Job está voltada para a pajelança, como descreve Albuquerque e Faro (2012, p. 60): “o que corresponderia ao Xamã, seria aquela pessoa que tem o dom de curar doenças naturais e não naturais com o auxílio dos encantados”.

¹² FURTADO, Dora. *Entrevista*. Realizada por Raimunda Moraes, em Bom Jesus no dia 29 de novembro de 2015.

¹³ Idem.

A prática da benzeção, muito comum em todo território amazônico, realiza-se por meio da cura, como por exemplo, fraturas do corpo e do espírito. No ramal de Bom Jesus, é possível encontrar parteiras, que é o caso de Ana Aurelina, minha avó, dona Norena, dona Mima, dona Doralice, dona Niquinha, que são benzedoras e Helena que trata de fraturas do corpo como inchaço, nervos desmentido etc. Nenhumas dessas práticas são feitas porque o indivíduo quer, e sim porque é concebido de espíritos de luz que se manifestam para ajudar aos outros, na linguagem das religiões. Lembrando que nem sempre a pessoa que benze é pajé.

O trabalho da pajelança requer matérias de uso próprio, digamos muito íntimo, os objetos usados pelos pajés têm todo um fundamento: cachaça, cigarro e outros. É o caso de Job que tinha esses materiais, como relata sua esposa, Oneide Furtado:

Ele também era pajé, trabalhava com pena e maracá. Então, eu ainda presenciei alguns trabalhos dele. Eram trabalhos bem simples, ele só usava como referência uma cuia, e nessa cuia tinha um pouquinho de cachaça, a cachaça tradicional, e também ele usava um famoso cigarro de *tauarí*. Ele enrolava o tabacão temperado que a gente chamava, fazia um tempero naquele tabaco e enrolava no *tauarí*, *incenso*, *mirra* e *bejoim* eram as três coisas que ele usava. Ele fazia um cigarro bem grande, então era a referência do trabalho dele de pena emaracá¹⁴.

O excerto acima mostra a maneira de Job trabalhar com as entidades do fundo. Esses materiais eram guardados em sua casa e, no momento do ritual, ele usava para fazer o trabalho. Com relação ao cigarro, bem comentado por Oneide, destaca Maués (1978, p.74):

A todo o momento o servente oferece ao pajé um cigarro “branco” (isto é, comum), além do cigarro *tauarí* (permanentemente aceso) um pouco d’água ou chá de uma erva chamada cidreira. O cigarro *tauauri*, enrolado com a casca de uma planta chamada taurizeiro, é fumado ao contrário, com a brasa dentro da boca; ao invés de chupar a fumaça como se faz com o cigarro “branco”, o pajé sopra com força, para fazer defumação do ambiente, dos objetos e dos doentes.

Por meio desses objetos, existe uma concretização de que esses seres encantados têm uma relação íntima com a natureza, usufruem de paus e matérias primas retiradas da floresta. Além desses, era usado, também, o maracá no trabalho de Job. Esse instrumento é um chocalho feito com a cabeça de uma planta chamada “balde”, e esse era um objeto que define muito Job, pois ele ainda existe, guardado na casa da sua filha Cristina Furtado. Pequeno, contendo desenhos de ramas na cor amarela e vermelha.

¹⁴ FURTADO, Oneide. *Op. Cit.*, (2015).



Maracá usado por Job Barbosa em seus rituais.
Fonte: Raimunda Moraes (2015).

Todos os materiais de Job, assim como a viola que ele tocava as ladainhas e folias e o maracá estão guardados na casa de sua filha Cristina. Há um respeito muito grande, uma forma de lembrar-se do pai, porque se passaram mais de vinte anos e esses objetos ainda estão em boa forma, mostrando o respeito com relação à memória da fé do pai da família. Ele usava, ainda, uma pena de um pássaro, único objeto que não existe mais; a cuia, usada em seus rituais, muito conhecida no mundo da pajelança. Job quando ia fazer os rituais avisava sua esposa Oneide e ela preparava a sala, chamava os serventes e preparava o local. Nesse ritual, assim como o maracá, a cuia fazia parte dos cultos, era usada para colocar cachaça, nela está escrito a sigla M.T.N. que significa Mestre Tem-temNerá.



Imagem da cuia usada por Job Barbosa em seus rituais.
Fonte: Raimunda Moraes (2015).

As memórias sobre as práticas religiosas de Job são representações feitas por meio das vozes de seus familiares, colaboradores dessa pesquisa. Falecido no ano 2000, ele faz parte do imaginário de Bom Jesus, principalmente o que está relacionado às suas atividades com o sagrado. A relação com a pajelança dá-se por meio dos objetos que utilizava nos rituais, que hoje possuem uma carga simbólica importante, pois são registros de bens materiais dessa atividade.

Embora a família de Job procure um afastamento da pajelança, não tem como negá-la. No momento das entrevistas que fiz com seus familiares, percebi que apesar das mulheres da casa não apresentarem esse ritual, elas têm um respeito muito grande. Furtado comenta: “Daniel meu filho vai lá em casa, lá no quarto tem uma sacola pendurada o maracá do teu avô, tá lá dentro trás, aquele maracá que era do teu avô só pega”. Podemos, então, ressaltar que o respeito não pelo objeto, mas sim pelo mestre Tem-tem Nerá é forte, assim como as outras entidades. Acredita-se, também, que os invisíveis poderiam se manifestar com quem mexesse com eles. Esse medo das mulheres tem haver com tal depoimento que segundo elas o “homem lá debaixo” já reinou com um rapaz:

Ele falava isso: que o homem reinava com ele, ele colocou aquilo que ele não queria. Ele estava imitando o homem porque ele era muito elevado, ele se aprontava como o homem se vestia e ele começava a cantar, ele levava como uma brincadeira. Ele levou uma tapa caiu e pronto, quando ele levantou de lá e já foi cantando, aí ficou¹⁵.

Oneide conta a história de um rapaz que foi mexer com os santos encantados e sofreu as consequências. Mas também há um caso dentro de sua própria família que ocorreu com Cristovão, filho de Job:

Uma vez, por volta das seis horas da tarde, o filho dele (Bitu) chegava do futebol e foi tomar banho de igarapé, sentiu uma grande dor que não conseguia andar, foi ao encontro de seu pai que disse que ele tinha sido flechado, então chamou as entidades que curou o seu filho¹⁶.

Observa-se uma concretude de que esses seres sobrenaturais estão concentrados nas áreas verdes, são eles os guardiões da mata e que, a partir de certo horário, não pode interferir na mãe natureza, o que ocorreu com o filho de Job foi uma flechada, pois o lugar onde ele foi tomar banho acredita ser, justamente, a morada do Pena Verde, e o que se sabe sobre esse ser é que ele é índio defensor da mata e da água. A flecha é símbolo que é identificado por índios, e esses fatos são muitos comuns no imaginário de pessoas que vivem nas proximidades de

¹⁵ FURTADO, Oneide. *Op. Cit.*

¹⁶ *Idem.*

rios e igarapés. A situação citada acima tem haver com esse imaginário, que dispõe desses mistérios que ainda não tinham sido desvendados, hoje só foi possível ouvi essas histórias por causa da insistência desse estudo em dialogar com as verdades de Job.

Como já foram citados, anteriormente, os encantados a quem Job entoava cultos era a Jurema, Iracema, mestre Tem-tem Nerá, Tupinambá e Pena Verde. Eles têm uma influência muito grande em vários rituais feitos a eles, inclusive na Umbanda. As entidades apresentadas acima têm uma ligação com os encantados, pois são seres sobrenaturais que se apresentam somente com a interação aos seres humanos.

A relação de Job com a pajelança era movida pelo dom que foi recebido dos encantados. Não há uma explicação correta em que tange o trabalho de Job, no que diz respeito à essa prática religiosa, isso ocorre porque o que se destaca nele, para a família, é o catolicismo, a pajelança é um dom à parte. Sabemos que há o preconceito em relação às pessoas que praticam rituais afro-indígena-religiosos, para ajudar aos outros. Dessa forma, observa-seque:

A pajelança tem sido combatida pela igreja católica na Amazônia desde o período colonial, como atesta o livro da visitação do Santo Ofício da inquisição no estado do Grão-Pará (1763-1769). Em suas visitas pastorais pelo interior, vários bispos paraenses- entre eles D. Antônio de Macedo Costa e D. Antônio Lustosa- não perdiam a oportunidade de criticar e combater os Pajés de que tinham notícias. Os jornais do século passado estavam cheios de notícias ridicularizando e condenando os Pajés que atuavam na sociedade do período. E até muito recentemente os Pajés tinham que pedir permissão às delegacias de polícias dos municípios onde atuam para exercer suas atividades. Eram frequentemente acusados não só de práticas contrárias a religião dominante, como de prática ilegal da medicina, ou “curandeirismo”. Em cidades maiores da Amazônia, como Belém, talvez já não seja possível encontrar mais qualquer pajé; mas no final da década de 70 Chester E. Gabriel ainda pôde presenciar sessão de pajelança cabocla em Manaus. Apesar disso, a pajelança não indígena continua muito viva no interior da Amazônia, como parte integrante das concepções religiosas das populações regionais, integrada ao catolicismo e passando por transformações, como processo social dinâmico que tem grande influência na vida regional, sobretudo como parte dos sistemas médicos das populações mais pobres (MAUÉS, 1987, p. 257).

Essa carga preconceituosa há muito tempo vem sendo coberta por crenças que distinguem o que é certo e o que é errado, esse termo não se modifica tanto assim, pois é na crença de pai para filho que essa situação vai sendo repassada. Apesar da não aceitação, existem muitos que se dizem católicos e outros crentes procuram a ajuda dos encantados, um ponto é que acreditam nessa força, porém tem medo do que a sociedade vai dizer; além disso, pela aproximação ou identificação com a pajelança, escondem-se em outros mantos. Não podemos esquecer também que, assim como outras manifestações religiosas, a pajelança também faz parte desse cunho social que religa povos e cultura.

1.5. Pena e Maracá: as práticas de pajelança de Job Barbosa.

As manifestações religiosas e culturais são fenômenos que, desde o princípio da existência humana, vem caminhando junto com essa massa, mesmo se diferenciando em determinados lugares ou povo. A cultura é a raiz de uma sociedade, é a identidade de um povo. Todo e qualquer indivíduo está incluído num sistema de práticas e adquire sua crença nesse determinado lugar. Indo à gênese da palavra cultura, o que pode reconhecer é que “vem do latim *colo*, significando ‘eu moro’, ‘eu cultivo’ no sentido de cuidar de algo/alguma coisa” (FERNANDES, 2011, p. 26). Por tanto, vem sendo cultivado no mesmo terreno, lembrando que as populações podem até serem afastadas uma da outra, mas não podemos esquecer-nos da dimensão terra que acolhe cada povo no seu lugar, no sentido de morar e de cultivar de um mesmospaço.

É importante, aqui nesse trabalho, destacar a cultura, porque é nela que serão guardadas as manifestações, que de alguma forma chegam aos lugares. Em Bom Jesus, por exemplo, havia as ladainhas e folias de São Sebastião, assim como existia a pajelança, isso nunca morreu, foi calada pelas próprias pessoas, mas a raiz continuou firme na terra, e abriu um novo broto, representando a vida, o novo ligado no velho, ou seja, da raiz antiga, na qual foi cortado o caule, nasceu um novo sentido, que se permeia outra vez no imaginário de Bom Jesus. Isso ocorre porque a cultura é a essência de um povo, mas está ligada a sistemas que conseqüentemente se estabelece por algumas regras sociais:

E nesse processo dialético e dialógico das existências das sociedades podemos crer que o conceito de hegemonia é muito promissor. Porque a “negociação” que efetivamente ocorre no seio da cultura - seja a cultura pensada como relação entre sistemas culturais distintos, seja a cultura pensada em um único sistema cultural, em suas relações internas entre os grupos e classes componentes - é uma prática constante, obnubilada pela aparente coesão que existe entre e intra sistemas, que afetiva o discursivo de homogeneidade cultural. Não existe maior desfaçatez em se tratando de controle social e poder, uma vez que a hegemonia não aponta para uma homogeneidade e sim para a tensão e relativização dos discursos que dão forma ao sistema: vale lembrar que o nosso objeto de pesquisa não é a manifestação em si, mas como ela é construída por diversos atores sociais e seus respectivos discursos (igreja, irmandade, devotos, poder público) (FERNANDES, 2011, p.27).

Vale lembrar que nos entre laços dos cunhos sociais, que são inevitáveis, a manifestação como um todo que se enquadra nesse sistema não será analisada no seu âmbito geral, mas sim no que se junta um no outro para formar um círculo, no qual muitos fragmentos se juntam e formam o todo. Existem vozes que falam de suas experiências, sistemasquevãocontraoqueexpõeindivíduosquelutam pelo bem comum de todo se

outros pelo o próprio bem. Além disso, há as igrejas que se apropriam do evento para arrecadar seus benefícios e existe a fé que estabelece a ligação desse círculo.

O que podemos observar nas ladainhas e folias em Bom Jesus é a identidade de forma diferente, mas que fala na mesma linguagem: “então, para a realização dessa crítica ao senso comum há necessidade de ouvir as várias vozes da devoção, pois, pela linguagem e o que ela representa como representa, pretendo vislumbrar as homologias, as contradições e as contrariedades na constituição da identidade da devoção” (FERNANDES, 2011, p.31). Comumente se fala de identidade, mas são esquecidos os fatores que as tornam vivas e ao mesmo tempo poucas são faladas da contrariedade das devoções que não para na fé, porque, além disso, os devotos fazem parte de um gruposocial:

É que entendo a identidade como uma construção, um processo, uma vez que entendo a identidade como a série simbólica que caracteriza certa cultura, como um cardápio de ações, práticas, valores e características que informam um dado *ethos* que marca determinado grupo social face aos demais grupos sociais. Ou seja, a identidade é uma construção porque não existe isoladamente, ela se configura como relacional e processual: minha identidade só existe em relação ao outro (Idem, p. 32- 33).

Quando falamos de identidade de um determinado grupo social, lembrando a devoção a São Sebastião, onde o grupo de Job Barbosa rezava ladainha e cantava folia, é importante ficar claro que as realizações dessas práticas se davam por valores de um lugar em face aos demais grupos. Levando em consideração a crença que Job exercia em relação a pajelança existentes na sociedade, essa crença que não se resumia em Bom Jesus, mas em uma dimensão que não é apenasamazônica.

Para essa temática usarei o termo religar, pois não é preciso ligar o que sempre esteve ligado, é preciso o bom senso das pessoas para abrir a mente ao conhecimento que não se limita na crença, como já foi dito, é a história do povo, do ser humano. Para essa análise, fundamenta-se em Morin (2003, p.51) que aborda: “refletir, religar as duas culturas, torna-se, então, uma necessidade vital. É preciso especializar-se, mas é preciso adquirir cultura. Não abandone jamais a preocupação com a cultura! ”. É nesse sentido que não devemos culpar um indivíduo preconceituoso, pois ele adquire o que a sociedade impõe, antes que qualquer conhecimento adentre em nossa memória devemos adquirir a cultura, pois é ela que nos leva a lutar pelo o que acreditamos.

Esse é um termo complexo de ser debatido, não apenas pelo sistema já caracterizado, mas porque o medo está dentro de nós mesmos, falo isso pela minha própria experiência. Quando comecei minha pesquisa de campo sempre tive em mente a história do meu lugar e a

devoção voltada a São Sebastião, mas eu nunca imaginei que me encontraria com esse assunto da pajelança. Confesso que foi um pouco difícil digerir esse termo, primeiro porque eu não sabia que Job Barbosa era pajé; segundo, eu nunca tive uma educação cultural e religiosa a esse respeito, devido eu ter crescido numa comunidade e família católica, só agora comecei a analisar esse conteúdo de uma formadiferente.

Hoje, discuto esse assunto não com domínio, no entanto entendo que não importa que o outro acredite, o essencial é ter a consciência que existem outras religiões, outras culturas, outras identidades e que o respeito é fundamental para convivermos. Agora me colocando no lugar dessas pessoas sei o quanto é difícil não ser aceito, mesmo eu não sendo praticante da Umbanda ou qualquer outra religião inteiramente ligada à pajelança. Estou disposta a levar esse assunto para frente, seja pela escrita, pela palavra ou pela cena, quebrando meus próprios tabus e dialogando com o que há de melhor na culturapopular.

Em outra dimensão, cabe refletir a pajelança no seu estado geral, não sendo apenas uma crença indefesa, que sofre os preconceitos, em especial pelo catolicismo, porque, se pararmos para pensar, a pajelança incluída na cultura como toda ela vai sofrer as mesmas decadências de outras manifestações, que por sua vez também dependem de um sistema que é maior:

A cultura humanista está empobrecida porque ela não conta mais com os grãos de conhecimentos para colocar em seu moinho, pois esses conhecimentos permanecem herméticos, fechados nas disciplinas científicas e mesmo nos bancos de dados. Em contrapartida, o mundo da cultura científica está privado da possibilidade de reflexão, de refletir sobre o que ele faz, sobre o sentido incontestavelmente humano, político e social de seu desenvolvimento. Para onde caminha a ciência? É uma marcha cujo fim não conhecemos inteiramente. No entanto, é ela que guia a aventura desconhecida de toda a humanidade (MORIN, 2003,p.51).

O próprio sistema que deveria ser o exemplo de aceitação das culturas fecha a possibilidade de reflexão da diversidade de pensamentos, ficando impossível serem quebradas as barreiras que existem. Para que não sejamos sujeitos a cair nesse buraco sem chão, temos que ter em mente a vontade de encarar a realidade, o propósito maior em ter que fazer valer a pena o nosso conhecimento em um plano mais concreto que é a experiência, a força maior tem que ser dita para não cair no comodismo das mesmas queixas de sempre. Falar da questão de religar o que sempre esteve ligado também cabe à ciência moldar essa passividade da separação e do inseparável. Ou seja, o que um dia já teve uma ligação não precisa começar por um começo novo, há a possibilidade de relembrar o ponto que foi parado e continuar porque

a realidade para qual se dirigem nossos conhecimentos e nossas ciências é, ao mesmo tempo, passível de separação e inseparável. Podemos isolar os elementos que constituem a realidade, porém cada vez mais, percebemos que eles estão ligados uns aos outros. De alguma forma, as coisas separadas são ligadas e as coisas ligadas são igualmente, de certo modo, distintas (MORIN, 2003,p.51).

Esse debate da questão de religar não se limita à zona de conhecimento científico, está presente onde nunca achávamos que estava. É de uma importância muito grande perceber as ligações existentes nas manifestações religiosas, antes que algumas sejam mais exaltadas do que as outras. Quando decidi falar da pajelança de Job Barbosa achei que esses saberes deveriam ficar separados dos outros assuntos em destaque, mas depois percebi que alguma coisa não se encaixava.

Dessa maneira, surgiu a ideia de partir da figura de Job Barbosa, para a costura de minha pesquisa. Primeiro, porque Job herdou de seu pai a imagem de São Sebastião, ou seja, recebeu o cargo de repassar a devoção movida pela fé junto com a tradição de uma família. Segundo, ele começou a fundamentar a vida religiosa voltada para a igreja católica, pois as ladainhas e folias são exemplos mais fortes que ele professava essa fé. Terceiro, o lugar que ele adotou o dom da pajelança, algo que era necessidade espiritual dele, entendo que São Sebastião é o elemento que faz essa conexão de dados mesmo sendo distintas, mas não são separadas.

Quando Job Barbosa entregou para Rozivaldo Moraes a responsabilidade de levar adiante a tradição, nesse momento levo a crer que foi estabelecido um ciclo, que não morreu e chegou a mim de uma forma diferente. Mas, acredito que a pajelança não morreu junto com Job, mesmo que silenciada por anos, hoje se manifesta nesse trabalho. Portanto, a mensagem a ser repassada é que o dom da pajelança seja do Job Barbosa ou de qualquer outra pessoa não deve ser excluída de nenhum âmbito social, começando pela própria religião católica, porque as mesmas pessoas que se escondem por trás de uma instituição são as mesmas que escondem a cultura, por não repassar o que elas mesmas sabem, por isso:

É extremamente importante examinar que liga as coisas separadas, sempre com o propósito de religá-las. Isto se torna ainda mais necessários nas coisas organizadas. O que é uma organização? É aquilo que está constituído em um sistema que reúne elementos diferentes em um todo, desde o núcleo dos átomos até os astros, os seres vivos, as sociedades, o indivíduo. Ora, os “todos” organizados geram qualidades que não podem existir no estado de partes, mas que podem retroagir as partes. Assim, por exemplo, a sociedade humana possui um certo número de características que lhe permitem criar uma língua, uma cultura, um saber, e, ainda que essa sociedade seja criada pela interação entre indivíduos suas normas, suas proibições, sua língua, sua cultura. Em outras palavras, nós, indivíduos, produzimos a sociedade, mas a própria sociedade nos produz (MORIN, 2003,p.51).

Por fim, o que está faltando no termo geral, para que as coisas andem, é o bom senso de todos, faltam organizações que necessitam de compreensão, falta uma modelagem sem preconceito que tem que sair de dentro de nós mesmos, para fortalecer um sistema geral. Isso porque se calarmos os nossos conhecimentos e a experiências a ponto de não fazer valer a nossa ideia, não adianta existir, devido tudo está unido. Aqui ressalto que não importa a religião de cada indivíduo, tem que haver a religião, em geral a pajelança sempre foi e é um fenômeno que não se limita na religião, ela é religiosidade, o que muita gente acredita. Então, é preciso unir as forças para que outros sistemas humanistas não acabem com essa prática cultural, pois aqui se encontra a raça, a cor, os batuques, se encontra Deus.

1.6. As vozes ditas do outro lado.

O passado é formado pelas experiências do presente, e qualquer indivíduo carrega sua história, que nos auxiliam na leitura do contexto atual. Por meio dessas lembranças e histórias de vida, podemos desenvolver uma análise social de determinadas sociedades. E certos silenciamentos ou mesmo esquecimentos auxiliam na investigação dessas narrativas, além de trazerem comparações que dialogam direta ou indiretamente com vozes da experiência de processos culturais, como as que vivenciaram ou vivenciam as culturas da comunidade de Bom Jesus.

Assim, esse trabalho tem por finalidade o estudo das ladainhas e as folias de São Sebastião na comunidade de Bom Jesus em Santo Antônio do Tauá, com o grupo de Job Barbosa. Procuro, também, estabelecer parâmetros com a festividade atual, e perceber a questão da tradição das ladainhas e folias, nos fazeres religiosos em Bom Jesus, tendo como fluxo as religiosidades que se estabeleceram e estabelecem na comunidade, por intermédio do catolicismo e da pajelança, levando em consideração o que se refletia no passado e o que se reflete hoje.

Para isso, busquei analisar os costumes do passado e do presente pelo viés da memória, pois percebi que Bom Jesus necessitava de um estudo que fosse além do que se cultua, e o preenchimento da ausência que essas manifestações deixaram na localidade. Além disso, busquei um alicerce que se baseia nas vozes de pessoas que participaram desse evento e outros que participam até hoje e relatam suas experiências mistas, que permeiam desde os tempos das ladainhas e folias até hoje na atual festividade. Dessa forma, optei trabalhar com a História Oral, como metodologia, buscando construir a história de Bom Jesus por meio de

peças que falam com mais eficácia do que propriamente a história tradicional, usando a voz do ser humano como princípio de pesquisa.

As histórias que são relatadas e saem do cômodo pessoal fazem jus com as questões sociais, não se limitando no grupo em que participam, até porque um determinado grupo faz parte de um contexto como um todo, pois “essa relação com a história cria um vínculo com a sociedade, com as relações que se estabelecem entre os atores sociais e suas ideologias, crenças, valores, que se fazem representados por meio de signos-poder para a manutenção das posições sociais de cada grupo” (BEZERRA, 2013, p. 41-42). Por tais motivos, a história oral cumpre um papel social, pois

o que é muito certo, uma vez que a finalidade social da história requer uma compreensão do passado que, direta ou indiretamente se relaciona com o presente. Os historiadores profissionais modernos são menos francos quanto as suas mensagens sociais do que Maucalay ou Marx, uma vez que se considera que os padrões acadêmicos conflitam com um viés declarado. De modo geral, porém, a mensagem social está presente, inda que dissimulada. É bastante fácil a um historiador dedicar a maior parte de sua atenção e de suas citações aos líderes sociais que admira, sem emitir diretamente nenhuma opinião pessoal (THOMPSON, 1992, p.26).

A construção de histórias de povos necessita de um cunho social, pelo fato de autoconhecer membros da sociedade. Mas, para isso, é preciso buscar vozes que se escondem por trás de uma panada, que são silenciadas por não pertencerem a um grupo de intelectuais visíveis no cotidiano social. Por tais motivos, busca-se o relato de vozes que “em geral, apenas entre grupos de menor prestígio, tais como as crianças, os pobres da cidade, as pessoas isoladas no campo, e que hoje se coletam outras tradições orais, tais como jogos, canções, baladas e narrativas históricas” (THOMPSON, 1992, p.51).

Para essa pesquisa escolhi o método da história oral, porque “nesse contexto, a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas” (IDEM, p. 17). Falar das ladainhas e folias de São Sebastião é trazer à tona as memórias de pessoas que participaram desse evento, não apenas movidos pela fé, mas sim pelo convívio social nos anos que aconteciam essa manifestação. Acredito que, apesar dessa festa ter parado, ela não morreu e vem revivendo cotidianamente nas lembranças e no fazer de cada pessoa envolvida na festividade do Santo.

Quando o meu irmão Rozivaldo Moraes falou que na conclusão do seu curso não foi possível ele falar das ladainhas e folias de São Sebastião, me subiu uma “inveja” imediata, pois achei que se encaixaria completamente no meu trabalho, porque eu tive a oportunidade

de falar da minha família, do meu lugar, e das pessoas que compõe toda a comunidade, e minhas memórias seriam atravessadas por informações que estabelece o que sempre ouvir com memória quevivi.

Esse é um trabalho diferente, pois não é necessariamente a história de Bom Jesus puramente historiográfico, interpretando eventos do passado, mas que quer falar de um período que religa o passado com o presente, dando vez e voz às pessoas que têm a necessidade de expor suas ideias e compreensão do que existiu e do que existe, pois, “sabe-se que, ao narrar, os entrevistados criam todo um jogo de relações textuais e nisso há a seleção de imagens e de histórias, por mais que haja previamente elaborado, um roteiro de entrevista” (BEZERRA, 2013, p.46). A importância que é ressaltada nos indivíduos “menos” importantes complementa o pouco que aprendemos na academia, ajudando na troca de conhecimentos. Portanto, sabendo que a caminhada não é fácil, mas que é preciso correr atrás do que necessitamos, encontrei na memória e na oralidade fundamentos para a construção do *corpus* dessa pesquisa, uma vezque

a história oral possibilita novas versões da história e dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Esse tipo de projeto propicia sobretudo fazer da história uma atividade mais democrática a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a história a partir das próprias palavras daquelas que vivenciaram e participaram de um determinado período mediante suas referências e também seu imaginário. O método da história oral possibilita o registro de reminiscências das memórias individuais, enfim, a reinterpretação do passado, pois segundo Walter Benjamim, qualquer um de nós é um personagem histórico (THOMPSON, 1992, p.18-19).

Sobre as ladainhas e folias de São Sebastião, em Bom Jesus, não se tem uma data certa de quando começou, não há um discurso histórico que manipule essas datas precisas, mas existe uma abertura histórica sobre a devoção a São Sebastião escrita pelo historiador Vicente Salles no livro *O negro na Formação da Sociedade Paraense* (2004). O autor adentra nas questões culturais e religiosas no Pará, expondo o espaço usado por esses devotos no Bairro do Umarizal, em Belém, ao falar dos santos que eram festejados desde muito tempo no Estado do Pará. Salles conta a história desses santos espalhados por diversos lugares do território paraense, inclusive o santo a quem Job Barbosa era devoto e a comunidade de Bom Jesus cultua:

Na capital paraense é tradicional o festejo de São Sebastião, santo defensor das moléstias contagiosas, invocados nas epidemias, nas guerras e quando há escassez de víveres. Tem seu dia para receber homenagens a 20 de janeiro, quando os devotos do soldado martirizado por Diocleciano (em Roma, a 20 de janeiro de 288) se reúnem para cantar louvores, rezar ladainhas e participar de um repasto comunal. Embora de exclusiva iniciativa popular, a ladainha de São Sebastião é solenidade eminentemente religiosa, de fundo católico, e sua manifestação exterior. Mas

Sebastião também é vencedor de demandas e assim há convergências de elementos dos cultos afro-brasileiros. Do ponto de vista folclórico, o cerimonial está ligado as *folias*. Mas na grande cidade (Belém) foram abolidos os cortejos de foliões e a ereção de mastros votivos. A cerimônia é patrocinada pelo devoto em cumprimento de alguma graça alcançada e pode repetir durante muitos anos. Há devotos de mais de vinte anos. As chamadas *festas* do *santos* organizadas com as irmandades, em como as *festas* de *promessa*, de iniciativa individual, ainda são o maior acontecimento anual em todas as comunidades do interior Amazônico (SALLES, 2004, p.28).

Observa-se que a devoção a São Sebastião tem uma pegada muito grande no cenário paraense, assim como elementos do culto afro-brasileiro, o que não escapa a ideia de Bom Jesus está inclusa nesse período. O historiador usa das manifestações religiosas para analisar os acontecimentos do período, que foram proibidos na época, mas há a possibilidade de observar esse termo por outras lentes, pois

A história da ciência, é claro, se não um dos ramos da história intelectual. Área particularmente interessante é a história da religião, pois nesse caso, as fontes orais podem ser utilizadas para distinguir as crenças e práticas dos adeptos comuns dos seus líderes. Até que ponto, por exemplo, a religião terá moldado os valores do auxiliar de escritório de classe média e baixa? É possível, também estudar a “religião popular”, as superstições e os rituais de nascimento, casamento ou morte dos não- religiosos- áreas essas pela própria natureza, em sua maior parte fora do alcance da documentação institucional recente (THOMPSON, 1992, p.110).

Dessa forma, esse trabalho se estrutura por histórias que adquirem posicionamentos da memória, e elas são ativadas pela voz que sobrevive ao tempo e recria um novo presente e dá princípio a novas origens.

É inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando-lhe traços que contrastam com a escritura. Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna. Como é impossível conceber realmente, intimamente, o que pode ser uma sociedade de pura oralidade (supondo que tenha existido algum dia!) toda oralidade nos aparece, mais ou menos, como sobrevivência, reemergência de um antes, de um início, de uma origem (ZUMTHOR, 1997, p.27).

Nessa perspectiva, aflora os depoimentos dos praticantes e devotos das ladainhas e folias de São Sebastião que ajudam nessa construção de fatos que irão abrir um novo olhar para a comunidade de Bom Jesus. As memórias disparam mensagens que fortalecem todo o contexto falado, e se apropriam da oralidade para repassar esse conhecimento, juntamente com os poucos escritas sobre BomJesus.

A reconstrução da história torna-se, ela mesma, um processo de colaboração muito mais amplo, em que não-profissionais devem desempenhar papéis cruciais. Ao atribuir um lugar central, em seus textos e apresentações, a pessoa de toda a espécie a história se beneficia enormemente. E também se beneficiam de maneira especial as pessoas idosas (THOMPSON, 1992, p.33).

Assim, a história falada ganha uma credibilidade muito ampla, pois prioriza todo e qualquer tipo de sujeito, não importa a raça, a cor, religião, o importante é a força que as experiências pessoais ganha nesse método da história oral. Há também um ponto fundamental que as histórias se apossam que são a voz dos idosos, esses que carregam um conhecimento muito grande em variados períodos.

Analisar fatores relacionados às memórias das ladainhas e folias de São Sebastião em Bom Jesus é corresponder a um universo que não se limita na amplitude da manifestação, mas é, acima de tudo, mergulhar em histórias próprias e pessoais, pois muitas vezes são revelados assuntos que pertenciam a segredos de famílias, são histórias de opressão pessoal que por alguma coincidência foi vivida no mesmo período em que ocorriam tais manifestações, e por razões íntimas nunca foram reveladas: “acima de tudo, mergulhar em individualidades, experiências particulares; perceber como um fato comum a todos chegou a cada indivíduo de forma distinta, sem a preocupação de afirmar verdades, mas relatar essas memórias e analisar os discursos produzidos (BEZERRA, 2013, p.45). Aqui é colocada, acima de tudo, a valorização das capacidades dos indivíduos como um todo, uma vez que “toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: deslocar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras na expectativa de atingir a verdade oculta (THOMPSON, 1992, p. 197).

Percebe-se que oralidade está diretamente ligada com a subjetividade humana, com intuito de atingir sombras de memórias indo muito além do que está sistematizado. É na narração individual que floresce novas experiências, mas sabe-se também que “esse papel de contar, narrar a história não é uma tarefa fácil, porque ao mesmo tempo o historiador tem que se afastar dos fatos para analisar com mais afinco os dados” (BEZERRA, 2013, p.46).

Dessa forma, devemos ter em mente que trabalhar com histórias orais não é apenas chegar ao ponto marcado e perguntar o que quer, é deixar para trás as ideias “intelectuais”, porque não é o momento de falar muito, é o momento de ouvir, de se deparar com pessoas desconhecidas e questionar um determinado assunto que, muitas vezes, não foram revelados. Por isso, a oralidade exige muita criatividade e até mesmo nos leva para um âmbito de afeto, pois, de certa forma, nas palavras soltas sempre haverá algo que toca a sensibilidade humana: “no entanto, quando se trata de uma pesquisa que valoriza as individualidades via memória isso se torna mais difícil, pois os fatos estão no cotidiano do pesquisador, ele vê e dialoga com as fontes históricas, os narradores” (IDEM). Mas não é apenas a questão da individualidade em si que a história oral tece no trabalho, e sim um elo com as questões sociais“sua

abrangência, além de pedagógica e interdisciplinar, está relacionada ao seu importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais” (FREITAS, 2002, p.3). Por essa razão, a história oral é tão complexa e ao mesmo tempo livre.

Quando falo de liberdade, adentro nas memórias como grandes pretextos para definir relações que apesar de terem um envolvimento social nós remetemos a lembranças do passado, até porque sem memórias não há oralidade. A comunicação oral sobrevive porque antigamente havia poucas possibilidades tecnológicas para repassarem as tradições para outras gerações, os viventes mais velhos repassavam sua crença por meio da oralidade, ao chegar às informações aos ouvintes eram guardadas em suas memórias para mais tarde serem repassados para seus filhos e netos. Com isso, a História Oral ganha uma força muito grande, e através dela se produz conhecimento tanto social, quanto pessoal, pois as memórias se aproximam mais da realidade do que a própria tradição, portanto

Em relação a memória imediata, o passado está muito mais perto do que na tradição. Para cada um de nós, nosso modo de vida, nossa personalidade, nossa consciência nosso conhecimento constroem-se diretamente com nossa experiência da vida passada. Nossas vidas são acumulações de nossos passados pessoais, contínuos e indivisíveis. E seria meramente fantasioso sugerir que a história de vida típica pudesse ser em grande medida inventada. Uma invenção convincente exige um talento imaginário muito excepcional. O historiador deve enfrentar esse tipo de testemunho direto não como uma fé cega, nem como um ceticismo arrogante, mas com uma compreensão dos processos sutis por meio dos quais todos nós percebemos, e recordamos, o mundo a nossa volta, o nosso papel dentro dele (THOMPSON, 1992,p.195).

Dessa forma, entendo que as memórias estão diretamente relacionadas às nossas experiências vividas no passado, essas lembranças atualizadas não podem ser inventadas, pois assim não há fundamento. Os fatos ocorridos num determinado período serão ativados no momento em que entra a fala, por mais que seja vivido por um coletivo, ainda assim todas as pessoas sentem de maneira diferente e fará valer a pena o que ela sentiu. Por isso, o pesquisador requer um cuidado grande para não ser tomado pela a cegueira que marca sua trajetória, mas de forma entendida adquirir fatores individuais que leve a entender o seu relacionamento no mundo, “mas falar de histórias individuais não quer dizer que deva ir pela biografia, mas perceber em tais experiências fatos comuns a todos e revelar segredos antes guardados” (BEZERRA, 2013, p.47). Para revelar os segredos que eram guardados, ele tem que passar pela voz e só nesse momento ele ganha valor oral, pois “a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e captam seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda a matéria” (ZUMTHOR, 1997, p.11).

Percebe-se que a amplitude da história oral elabora metodologias que ajudam nos momentos das entrevistas, pois além do pesquisador trazer à tona vozes, para o amadurecimento intelectual, ele interage diretamente com os fatos ocorridos, caso já tenha participado desse evento.

Dessa forma, compreende-se que o trabalho com a metodologia da História Oral tem todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores a gravação dos depoimentos. Exige antes a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas. Esse roteiro é feito a partir das indagações que movem o trabalho e resultado de leituras e pesquisas sobre os temas das entrevistas, a vida do entrevistado, dados biográficos. Quando a pesquisa é feita por uma instituição que visa constituir um acervo de depoimentos aberto ao público, é necessário cuidar da duplicação das gravações, da conservação e do tratamento do material gravado (BEZERRA, 2013, p.49).

Levando em consideração o papel que a História Oral reflete na sociedade, que no meio das entrevistas esses papéis são analisados pelo ouvinte “percebe-se assim, que a metodologia da história oral possibilita analisar a construção histórica de uma comunidade, de uma sociedade, ou de um grupo (...) das produções artístico-culturais, além de estudar a história política, econômica...” (BEZERRA, 2013, p.48-49). Esses conhecimentos são analisados pela fonte oral.

Todo o roteiro de entrevista, desde o início, requer um comprometimento com as trocas pessoais do entrevistador e do entrevistado, o roteiro é muito importante nessa trajetória, pois ele é elaborado antes da entrevista, nem sempre ele seguirá a sequências de perguntas, a troca de experiências se torna tão importante pelo fato ser “uma das mais profundas lições da História Oral é a singularidade, tanto quanto a representatividade, de cada história de vida (THOMPSON, 1992, p.177)”.

Dessa forma, foram feitas quatro entrevistas, a primeira em novembro de 2014, as outras três entre novembro de 2015 a janeiro de 2016. As pessoas que foram entrevistadas eram ligadas direta e indiretamente às ladainhas e folias de São Sebastião e que acompanharam a trajetória de Job Barbosa. Entre elas, estavam a esposa de Job, Oneide da Silva Ataíde; os filhos de Job Maria Dorotéia da Silva Furtado, Cristina da Silva Furtado e Manoel de Belém Aguiar. Também foram usadas anotações que escrevi na minha agenda diária em conversas paralelas. Nem todas as entrevistas tiveram um roteiroconstruído.

Portanto, acredito que a História Oral é o encontro de conhecimentos que se conectam, para definir um determinado assunto e reativar tradições, discute relações sociais, transmite experiências individuais e acima de tudo atinge um nível bem alto de discussão que reconstrói histórias.

1.7. Memórias de vida.

Para dar iniciativa a esse subcapítulo, andei pelos caminhos de Bom Jesus, acordei cedo, olhei para o céu e uma angústia tomou conta de mim, o tempo passando e nenhuma palavra surgia em minha cabeça para dá início aos assuntos da memória. Devido a muitos problemas acontecerem comigo, naquele momento, no sentido bem literal da palavra, eu não tinha forças para seguir, mesmo assim eu segui e fui em direção às águas. Na companhia do meu sobrinho Marcus Davi de quatro anos, atravessamos o campo verde e ao entrar no igarapé do tio Joca foram surgindo lembranças da minha infância, a minha tristeza foi sumindo nas grandes árvores, e o clima fresco de água me tomou o corpo todo e uma grande energia me trouxe inspirações.

Quando eu andava pela trilha, a minha infância veio à tona, lembrei que eu corria naqueles caminhos cheios de folhas e buracos, a água da chuva seguia em direção do igarapé e enchia-o, e nós, crianças, brincávamos naquele lugar. Era a coisa mais linda que existia, pois quando chegava meio-dia e seis horas da tarde ninguém podia entrar mais ali, porque a “mãe d’água” ia nos reinar. Lembrei também das panelas sendo ariadas com areia do igarapé, das mulheres de Bom Jesus indo com aquela bacia enorme em cima da cabeça cheia de roupas, dos homens empurrando o carro de mão com sacas de mandioca, e aquele encontro de mulheres falando de assuntos que não eram de crianças. Ali imaginei o tio Joca tomando banho, apesar de nunca ter visto ele naquele local, mas era ali que a antiga casa dele ficava, e para quem acredita é a morada dos “caboclos do Joca”.

Recordei dele com os cabelos lisos e brancos, e aqueles passos pequenos em cima de uma velha sandália, com um short azul e sem camisa, essas lembranças me vieram, dentro daquele igarapé. Percebi nesse momento que o nosso corpo também é memória, pois ele não esqueceu aquele lugar, não esqueceu aquele cheiro, não esqueceu aquelas imagens, basta ir ao mesmo lugar (que sofreram algumas mudanças) que a recordação vem e o corpo se ativa outra vez.

Sabemos que a memória é um mecanismo próprio do corpo, que se estabelece por condições da mente humana: “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ela representa como passado” (LE GOFF, 2003, p. 423). Para falar das memórias, é necessário estabelecer o ambiente do homem em relação ao tempo. Quando eu andei por Bom Jesus e lembrei-me da minha infância isso não aconteceu por acaso, mas porque estabeleci o meu contato com o espaço físico, pois

o corpo, colocado entre os objetos que agem sobre ele e os que influenciam, não é mais que um condutor, encarregado de recolher os movimentos e de transmiti-los, quando não os retém, a certos mecanismos motores, mecanismos estes determinados, se a ação é reflexa, escolhidos, se a ação é voluntária (BEZERRA APUD BERGSON, 1990,p.59).

Nesse paralelo do corpo e a memória, levo em consideração o pensamento de Maurice Halbwachs (1990), que enfatiza a força dos diferentes pontos de referência de estrutura de nossa memória, inserindo-se na memória coletiva. Destaca também sobre lembrança da infância, já que iniciei falando dessas lembranças que seguem comigo e tem um significado que podem estar ligados as correntes do próprio pensamento, ou as correntes do imaginário, pois

a que responderemos que, quando uma criança se perde em uma floresta ou em uma casa, tudo se passa como se, arrastada até então na corrente dos pensamentos e sentimentos que a ligam aos seus, ela se acha presa ao mesmo tempo em outra corrente, que deles a distanciava. Do pequeno polegar podemos dizer que permaneça dentro do grupo familiar, posto que nele os seus irmãos, mas à tona sobre o seu comando, toma-os todos sob a sua guarda; ele os dirige, isto é, do lugar de criança passa ao de pai, entra no grupo dos adultos, mas nem por isso deixa de ser criança. Mas isso também se aplica aquela lembrança que evoca Blondel, que é ao mesmo tempo uma lembrança de criança e uma lembrança de adulto (HALBWACHS, 1990, p. 91).

Portanto, as lembranças da infância me remetem a uma reflexão, quando somos crianças imaginamos muitas coisas e criamos histórias que geralmente ocorre no lugar em que vivemos. Esse imaginário fica em nós, na mente, quando crescemos lembramos esses elementos que nem fez parte da realidade vivida na infância, por isso acredito que esse imaginário acaba se transformando em memórias, mas quando estamos no estado de adultos acabamos refletindo dessa criatividade infantil, que para mim também é lembrança, porque “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conserva-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembranças. A sua forma pura seria as imagens presente nos sonhos e devaneios” (BOSSI, 1983, p.53). Essas lembranças são marcadas por vários fatores que se interligam a esse mundo da realidade e do imaginário, até porque

O conteúdo original de tais lembranças, que as destaca de todos os outros, se explicaria então pelo fato de que elas se encontram no ponto de cruzamento onde duas ou várias séries de pensamento, pelas quais elas se relacionam a tantos grupos diferentes. Não bastaria dizer: no ponto de cruzamento de uma série de pensamentos que nos relaciona a um grupo (aqui a família) e de um outro que abrange somente as sensações que nos chegam das coisas: tudo seria de novo colocado em questão, já que, essas imagens das coisas não existindo se não para nós, uma parte de nossa lembrança não se adaptaria a nenhuma memória coletiva. Mas uma criança tem medo numa escuridão, ou quando se perde num lugar deserto, porque povaesse

lugar de inimigos imaginários, porque nessa noite receia esbarrar em não sabe que seres perigosos (HALBWACHS, 1990, p.42).

São nesses cruzamentos de pensamentos que vão se estabelecendo um “jogo” do que seria a memória, além do imaginário infantil e da realidade vivida no passado, esse quebra-cabeça, aos poucos, toma forma e abrange uma discussão mais ampla que são as memórias individuais e coletivas. Nesse sentido, a memória entrará não apenas como algo próprio do ser humano, mas sim do papel que ela desenvolve na sociedade: “é claro que a memória também funciona como mecanismo social, pautado na coletividade, na representação dos grupos de pensamentos comuns. Ela tem esses dois lados, o individual e o social, na dialética dos mesmos” (BEZERRA, 2013, p.53). As memórias apesar de seu pensamento comum de um grupo estão voltadas para as experiências pessoais, pois

A memória individual, enquanto se opõe à memória coletiva, é uma condição necessária e suficiente do ato de lembrar e do reconhecimento das lembranças? De modo algum. Porque, essa primeira lembrança foi suprida, se não nos é mais possível encontrá-la, é porque, desde muito tempo, não fazíamos mais parte do grupo em cuja memória ela se conserva. Para que nossa memória se auxilie com as dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (BEZERRA APUD HALBWACHS, 1990, p.34).

Assim, a memória individual é a experiência própria da pessoa, apesar do indivíduo estar inserido num determinado grupo social, há momentos que só o próprio ser pode dizer, está relacionado com o sentir e que esse mesmo ser está conectado com outros grupos e por isso ela é individual e coletiva. Já para a memória coletiva, Michael Pollak (1989) define de uma maneira mais “polêmica”, até porque ela já vai tomar uma amplitude maior, quando se fala de coletividade se fala muito mais de pessoas inseridas em sociedade ou de um grupo:

Esse reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva já anuncia inversão de perspectiva que marca os trabalhos atuais sobre esse fenômeno. Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada a memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto pelos processos e atores que intervêm que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias (POLLAK, 1989, p.02).

É claro que a memória está inserida no estudo desses grupos, já que ela é uma teoria capaz de compreender uma sociedade de uma maneira diferente, é por isso que ela não descarta as experiências pessoais. A história, em sua pura originalidade, explica apenas os

fatos ocorridos num determinado período, já a memória através da oralidade ouve e prioriza as pessoas que participaram dos eventos sociais no sentido bem orgânico da sua existência.

Muitos grupos culturais, religiosos e sociais existiram na humanidade, mas terminou com o tempo, e foram desaparecendo porque até mesmo as informações que existem desses lugares foram apenas escritas e não ouvidas e “a história da história não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica, ou melhor, a mentalidade histórica de uma época” (LE GOFF, 2003, p.49). É o caso das ladainhas e folias de São Sebastião, se não fosse a memória daquelas pessoas, jamais teria um trabalho sobre aquele movimento, pois não se encontra nenhum documento escrito que evidencie essa manifestação, mas os objetos ali existentes fazem com que outra vez as lembranças venham a ser ditas e escritas.

Mas sabemos que falar de memórias não é uma tarefa fácil, porque muitos acontecimentos são fenômenos que causam sofrimentos, principalmente quando são fatores vividos por uma coletividade e que são proibidas de serem expressas. Os traumas da memória não podem ser revelados, pois muitas vezes o indivíduo depende do grupo, mas essas lembranças conflituosas não podem ser silenciadas por muito tempo, pois haverá um rompimento e de alguma maneira elas são repassadas oralmente.

Este exemplo mostra a necessidade, para os dirigentes, de associar uma profunda mudança política a uma revisão (auto) crítica do passado. Ele remete igualmente aos riscos inerentes a essa revisão, na medida em que os dominantes não podem jamais controlar perfeitamente até onde levarão as reivindicações que se formam ao mesmo tempo em que caem os tabus conservados pela memória oficial anterior. Este exemplo mostra também a sobrevivência durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas (POLLAK, 1989, p.03).

Assim, as histórias, por meio da memória, se estabelecem nesse diálogo entre o pessoal e o coletivo, um dependendo do outro. Há também nessa construção as disputas pelo poder, nesses grupos existem indivíduos que valorizam suas ações e essa disputa de poder também gera conhecimento e reflexão para os estudos das memórias. Vejo isto na fala de Manoel de Belém (2016), ao expressar que o grupo das folias reativou outra vez porque ele se ligou de novo:

Eu me afastei e aí parou, e como agora eu me liguei de novo voltou. Entedesse como é? Voltou. E aí eu estava falando pra Teia: tem algumas coisas que vocês começaram a fazer meio errado, porque se tu foi me convidar, assim o grupo da folia, só que quando nós chegava tu não tava apresentando, nós já fomos apresentados na tua casa porque eu peguei e apresentei¹⁷.

¹⁷ BELÉM, Manoel. *Entrevista*. Realizada por Raimunda Moraes, em Bom Jesus no dia 26 janeiro de 2016.

Percebe-se, na fala de Manoel, a importância pessoal dele próprio para o grupo, é uma disputa pelo “poder” de quem já viveu mais tempo e presenciou influentemente aquela manifestação. Isso ocorre porque essas pessoas são os guardiões da memória desse grupo, e é por meio deles que outra vez são ativadas histórias da comunidade. Por isso, há conflitos de gerações passadas e atuais, pois “o primeiro é a percepção daquilo que se passou a chamar, em certas épocas a aceleração da história. Para que haja conflitos entre modernos e antigos é, contudo preciso que esta geração permita um conflito de gerações” (LE GOFF, 2003, p.197). Portanto, para o acontecimento de conflitos há uma ponte que liga o passado e o presente, fazendo com que a história tome forma:

A distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica. Mas torna-se necessário antes de mais nada, chamar a atenção para a pertinência desta posição e evocar o par passado/presente em outras perspectivas que ultrapassam os das memórias coletivas e da história (IDEM, p.205).

Os embates de gerações são possíveis porque aqui priorizamos as pessoas idosas como fundamento da história. São indivíduos que já viveram em vários períodos, por isso tornam-se membros fundamentais, porque “dessa forma, a memória serve, também para não se perder fatos, acontecimentos que fazem parte da história da humanidade e que a história tradicional não se preocupou em registrar”. Isso é alcançado na valorização dos guardiões dessa memória, dessa sabedoria, os velhos (BEZERRA, 2013, p.55). Porém, a história reconstruída pelas vozes dos velhos só é possível por causa das lembranças, pois:

Num, e noutro caso, se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas suas substâncias, é que nossa memória não é uma tábua rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado (HALBWACHS, 1990, p.28).

Com essa capacidade da memória de aceitar as camadas mais profundas das lembranças de velhos e dos próprios jovens, ela vai se moldando para a construção das imagens e até mesmo diversidades de um mesmo fato:

período citado procura descrever o próprio dinamismo interno da memória como um processo que parte de uma imagem qualquer e por meio de associações de similaridade ou de contiguidade, vai tocando outras imagens que formam com a primeira um sistema. A recordação seria, portanto, uma organização extremamente móvel cujo elemento de base ora é um aspecto, ora outro do passado; daí a diversidade dos “sistemas” que a memória pode produzir em cada um dos espectadores do mesmo fato (BOSI, 1983, p.50-51).

Assim, podemos concluir que a memória é um laço que se cruza entre passado e presente capaz de fazer e refazer a história de um lugar, de uma comunidade, e de uma sociedade, através dela se estrutura conhecimentos culturais e pessoais. Através dela, também, é possível dar voz e vez às pessoas que são menos reconhecidas no cunho social, e valorizar as experiências de vida. A memória é nosso próprio corpo, capaz de nos refazermos como pessoa, pois foi por essas memórias que conseguir lembrar a minha infância, como citado no início, e repassar essa pluralidade da memória em todos os âmbitos de uma vida.

2- Processo Criativo: Bom Jesus em cena.

Depois desse percurso pelas memórias de Bom Jesus, o qual me proporcionou conhecer um pouco mais sobre a prática religiosa e cultural desse lugar, trabalharei esses aspectos por meio da linguagem cênica. Essa necessidade aparece e justifica-se pelo meu encontro com o teatro, por meio da minha formação na Licenciatura. Dessa maneira, a criação poética atravessa as memórias coletivas e individuais do meu lugar, dialogadas com os aspectos da festividade de São Sebastião e outros elementos da cultura local, como a pajelança, as ladainhas e as folias relacionadas à festa do Santo citado anteriormente.

Além disso, encontrei na cena uma maneira de retribuir à Bom Jesus a sua história, através do teatro, ou seja, aqui é possível unir as redes que interligam a cidade com interior, por ser um momento oportuno de trazer para dentro da universidade as memórias de um lugar, pouco conhecidas ou divulgadas. Mas, também, um espaço de encontro comigo mesma, por meio das lembranças desse lugar que atravessam o imaginário coletivo e a minha história de vida, como moradora, que teve de sair, mas que esse trabalho acadêmico me proporcionou a voltar a Bom Jesus com outros olhares.

A cena acontece dentro de um espaço fechado e escuro, porque sempre que lembro da comunidade, vem essa imagem dos caminhos em “breu”, e nesse mesmo lugar acontecem todos os anos a procissão de São Sebastião. Por isso, utilizo também os candeeiros, de vela, produzidas com garrafas pets cortadas e cabo de madeira, que os moradores retiram das matas. Dessa forma, os caminhos se iluminam para a passagem do Santo.

Caminhando em sentido de procissão, os atuantes²⁰, jovens da comunidade de Bom Jesus e do Edém, composta por: Alizandra Borges, neta de José Borges, ajudante de Job Barbosa no ritual da pajelança; Alex Aguiar, Daniel Furtado e Samara Evellyn, netos de Job Barbosa; Ramayane Ataíde, sobrinha de Job Barbosa; e por fim eu, Raimunda Moraes, sobrinha de Job Barbosa, que narro grande parte da cena, ou seja, apresentamos cada elemento que compõe a cena e um pouco de nossas experiências, afinal somos essa história.

²⁰ Utilizo o termo atuantes, para definir os participantes do processo criativo de realização da cena, porque eles não são profissionais do teatro, são membros da comunidade que se propuseram em colaborar nessa pesquisa.

2.1- O simples setransforma.

Tomado a iniciativa de contar um pouco da realidade da comunidade de Bom Jesus, o que não poderia faltar era a cena, pois, como sabemos, o teatro é uma linguagem que ultrapassa certos obstáculos e alcança um novo olhar sobre os fatos, as histórias da minha comunidade não poderiam ficar de fora desse universo que educa, transforma e diverte.

A princípio, a cena foi pensada somente para um atuante, nesse caso eu representaria na criação poética, mas em certo momento imaginei que ficaria muito interessante inserir os jovens da comunidade do Bom Jesus e do Edém. Essa escolha se deu, porque eles, junto comigo, vivenciam anualmente cada detalhe da festa de São Sebastião, mesmo que não tenham participado dos eventos antigos.

Os ensaios aconteceram na Escola Municipal do Ensino Fundamental de Bom Jesus, a gestão do colégio me disponibilizou uma sala para que os encontros se tornassem possíveis, a sala é ampla e tem estruturas que são necessárias para a composição da cena.

O figurino é composto por cetins da cor verde e vermelho que enrola o corpo do atuante em formato de uma túnica. Para a cena da pajelança, as meninas usarão saias, cocá e o lençol se transformarão em espada²¹. Na cena da festividade, serão usadas roupas do cotidiano dos atores, como camisetas que representam a liturgia diária da igreja na comunidade, do grupo de jovens, grupo de canto e dos catequistas. Durante a cena existem materiais que complementam o figurino: a vela, o terço, o vinho etc. Abaixo a ilustração dos ensaios com as velas e os lençóis:

²¹ Termo utilizado para os tecidos usados nos rituais da Umbanda. Quando a entidade chega, por meio da incorporação no médium, eles se identificam pelo uso da espada, a qual tem uma cor ligada aos fundamentos de cada entidade. Por exemplo, os encantados das matas, como índios, usam a cor verde.



Ensaio utilizando figurino e adereços.
Fonte: Raimunda Moraes (2016).

Os objetos foram inseridos no ensaio, para percebermos se o que utilizávamos serviria em cena. Os materiais utilizados na encenação têm a ligação direta com o contexto que vem sendo trabalhado em Bom Jesus. Ao escolher o cenário escuro para a cena, significa que lembra os caminhos de Bom Jesus, a vela é um símbolo que está diretamente ligado com a crença voltado aos santos, ao espírito santo, representa luz. O cetim com suas tonalidades vem refletir, a devoção a São Sebastião devido as suas fitas, assim como reproduzir o símbolo de entidades referente a mata verde. O terço simboliza a crença no catolicismo.

O processo criativo da cena me proporcionou um trabalho diferente, momento em que a teoria passou a ser colocada em prática. Os resultados foram muito positivos, trabalhar com o grupo “Bom Jesus em cena” foi adquirir conhecimentos trocas e aprendizados. Foi junto com o grupo que assumi pela primeira vez o papel de diretora, momento oportuno para colocar em andamento a minha experiência de pessoa de teatro e moradora da comunidade de Bom Jesus.

2.2- Teatro e Bom Jesus: saberes, experiências etrocas.

Trabalhar com o teatro é uma oportunidade de aprendizado e trocas singulares, mas não é fácil, principalmente para quem não tem uma experiência tão grande, que é o meu caso. Sempre participei dos meus estágios como professora de teatro, porém poucas vezes assumi o papel de direção e ao mesmo tempo atuante. Nesse processo de escrita e criatividade, tive a oportunidade ir a lugares que eu ainda não havia chegado escrever dramaturgia, direcionar uma turma de jovens, que não tem o contato direto com o teatro e atuar.

Todos os elementos inseridos na criação têm seus significados, que vai dos objetos até as cores. Quando pensei na montagem de todo processo, conversei com os atuantes e pedi que cada um levasse histórias narradas por seus parentes mais velhos, assuntos que tivesse acontecido na época das ladainhas e folias. Todos levaram falas e depoimentos que ajudaram na composição da cena.

No primeiro ensaio, apresentei o desenho da cena, o qual representa um círculo, onde se inicia a cena com as ladainhas, passando por todos os elementos até chegar na festividade. A ideia do redondo, é justamente para compreender que tudo está conectado, nada é solto, algo que se eterniza do início ao fim. Abaixo a foto do primeiro desenho da cena apresentado para os atuantes:

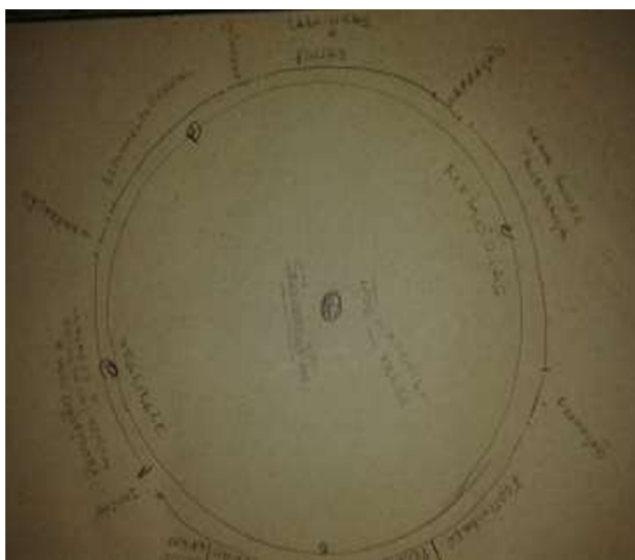


Imagem do primeiro desenho da cena.
Fonte: Raimunda Moraes (2016).

A partir desse símbolo, o grupo compreendeu o que era proposto. Esse estilo de apresentação surgiu do termo religar, que uso durante a análise das memórias de Bom Jesus, pois em minha visão não há o que ser ligado, tudo está conectado pela tradição, parentesco, religião, e o círculo é um símbolo que mostra essa compreensão. No meio, está um homem,

Job Barbosa, que herda São Sebastião. Essas redes vão cruzando uma com a outra, através das ladainhas, folias, pajelança, festividade, sagrado, profano, lembranças, memórias e histórias.

Apresento também, um vídeo da ladainha cantada em latim por Oneide Furtado e Manoel de Belém, filmadas em entrevistas, que será introduzido na cena. Achei necessário, porque assim como eu, os atuantes não tiveram a oportunidade de presenciar essa reza, e nos ensaios eles tiveram a chance de ouvir pela primeira vez, por intermédio do audiovisual. Foi muito importante esse momento, para os meninos compreenderem o significado da reza na vida das pessoas que tem em suas memórias esse fato. Também, foi um momento em que me senti muito feliz, pois quando eu era criança, sempre ouvia meu irmão Rozivaldo Moraes cantar assim “miserere nobis”, depois ria e não continuava por isso me despertou curiosidades maiores para “fuçar” esse material, e na gravação foi a primeira vez que contemplei a ladainha inteira, que só parava quando os dois esqueciam.

Seguindo a cena, em passos de procissão serão outra vez mostrados vídeos, dessa vez das folias. Nos ensaios, esse era um dos momentos mais empolgantes, já que as folias já estavam em processo de recriação, os jovens ouviram-na durante toda a Festividade de 2016, e dialogam com o vídeo em cena. E, para mim, vai muito além da empolgação, nesse momento enxergo o meu esforço para conseguir essa canção, ou melhor, foi uma luta muito grande, durante anos corri atrás de pessoas para fazer valer as minhas idas a Bom Jesus, nesse caminho encontramos muitos não, e hoje consigo ver que meu esforço não foi em vão. Muitos indivíduos disponibilizaram seu tempo para que se tornasse possível meu trabalho, ressaltando que não foi em um dia, nem em um mês que esse objetivo foi alcançado, foram anos, desde o início do curso de graduação, quando comecei pela busca dessas memórias.

Assim, caminhada continua, agora com intuito de encenar os rituais da pajelança. Aqui, o assunto se diferencia, pois, como já citei anteriormente, eu não esperava deparar com essas memórias de Bom Jesus, era um tema, ladainhas e folias, que menos se ouvia naquele lugar, e nunca imaginei que escreveria sobre esse conteúdo. Foi nas pesquisas de campo que assumi esse legado, a princípio foi difícil, devido ao meu desconhecimento da prática da pajelança, o tempo foi moldando a minha ideia e imaginação, aceitei de uma forma tímida o que realmente é a história dos meus parentes, do meu lugar e minha.

Se para mim foi difícil, imagina para esses jovens, que mais do que eu “desconheciam” essa história. Era o momento do ensaio que mais me preocupava, uma vez que muitos deles tinham medo de fazer a cena, e em outros casos, faziam gracinhas como se fosse coisa de outro mundo. Ao perceber essa situação, tomei iniciativa de conversar com eles sobre a pajelança, através do pouco que eu já havia conhecido, foi quando ressalteique

querendo ou não essa é a nossa história, não tem como fugir de um passado real, e nem podemos ignorar as lembranças dos antigos, e que a pajelança também é religiosidade, crença, e todos se conscientizaram da realidade.

Fui inserindo nos exercícios fatos reais que aconteceram em Bom Jesus, a flechada que Cristóvão levou no igarapé, e foi curado com o pajé Job Barbosa. A cena se inicia com uma música, que levamos algumas horas para aprender. Abaixo, a representação desse momento:



Atuantes ensaiando o ponto.
Fonte: Raimunda Moraes (2016).

Feito isso, ficou mais fácil seguir o ensaio. Ao tocar o ponto “Cantando para Jurema”, uma grande roda se forma, na qual o pajé ficará no centro. Nesse instante, os cetins verdes e vermelhos se transformam em espadas, essas cores representam as fitas que são colocadas na imagem de São Sebastião, e também reverenciando a pajelança, o verde que tem a ver com a mata, com Pena-Verde²², com plantas medicinais, com a cura. As meninas usaram saias e cocás, lembrando índias, Jurema e Iracema, caboclas que Job reverenciava. Em seguida, ocorre a cena da flechada e o pajé ensina os banhos a serem utilizados, em sequência toca outro ponto e os atuantes saem decena.

²² Pena verde, pertencente a família da mata “é uma família que tem pouquíssimo destaque na casa de Tóia Jarina, mas mesmo assim recebe homenagem junto com a família de Caboclo Roxo, no dia 15 de novembro. São encantados da mata de Jurema e não da mata de Codó, mas não devem ser confundidos com mestres da Jurema”.(PRANDI, Reginaldo e SOUZA, Patrícia Ricardo de *in* PRANDI Reginaldo (org.) Rio de Janeiro: Pallas, 2011, p.274.

Todas as vezes que terminava essa parte do ensaio, eu sentia paz, porque sei o quanto foi difícil me envolver nesse universo diferente do que eu estava acostumada, sei também que além de ter conseguido escrever sobre o mesmo, tornou-se possível a encenação, que também é um momento de conquista. Essa cena representa para mim a quebra de preconceitos que existiam dentro de mim, e também dos jovens que aceitaram, essa foi a hora que estimei outros moradores da localidade a ver a pajelança com um olhar diferente.

Fechada essa cena, narro sobre a festividade de São Sebastião, destacarei os pontos que marcam o início da Festa, e o motivo dela ser tão importante no cenário da comunidade, atualmente. Quando termino a narração, entram os atores conversando e convidando um ao outro para irem cortar vara²³. Essa cena se deu quando conversamos sobre a festividade e perguntei para eles o que lembravam do ocorrido em 2016, e a primeira coisa que eles falaram foi sobre essa busca de madeira. Isso acontece porque os caminhos de Bom Jesus são rodeados com velas, e o que mantém essas luzes no alto é justamente a vara, no qual é colocado garrafas pets cortadas, e por onde o santo passa ficai iluminado.

No ato das lembranças, eles começaram a discutir sobre quem trabalhava menos, quem participava quem não fazia nada, e assim foi rolando o diálogo, percebi naquela ocasião que o teatro se apresentava de forma diferente. Por isso, tive a ideia de manter essa discussão na cena. Essas conversas entre eles não era brincadeira, eles estavam falando sério, com autoridade de quem entende da coisa. Nessa mesma pegada, passei um exercício teatral²⁴ que ajudou muito nessa cena. Abaixo imagem dos atores ensaiando a cena da festividade:

²³ Cortar vara, é o ato de ir a mata buscar madeira para fazer cabo, que seguram garrafas pets cortadas e dentro ficam as velas acesas. Essa ação é feita todos os anos para iluminar os caminhos por onde passa São Sebastião.

²⁴ O jogo feito no ensaio foi “a batalha dos piratas”, que ajuda na improvisação de cenas, por meio de temas que estimulam a imaginação e o trabalho em grupo.



Ensaio da cena da festividade.

Fonte: Raimunda Moraes (2016).

Ao terminar essa passagem, é passado outro vídeo da hora em que foram soltados os fogos de artifícios, nessa altura anuncia-se a chegada da festividade do ano de 2016. E com animação, toca o samba de São Sebastião, letra do Padre Zezinho, que foi catado durante toda festa desse ano. É oferecido vinho para a plateia, e todos são convidados a dançarem junto com os atuantes.

Esse ato se desenvolveu depois que analisei que a festividade não é somente aquele olhar religioso, nem todas as pessoas vão para a igreja rezar. É ocasião de encontros amorosos, as meninas se enfeitam para estarem belas e se “mostrar” para as comunidades que vem de fora. Acontece, também, o levantamento do mastro, no qual é servido bebidas alcoólicas para os participantes. Compreende-se, então, que a festividade é a junção do profano com o sagrado. É quando a cena sai daquele momento cômodo, no qual é quebrado o tradicionalismo e é inserido um novo contexto histórico de Bom Jesus.

Aqui, cabe engrandecer o samba de São Sebastião, que finaliza a cena com a platéia participando e sambando. Essa canção se destaca, por ser muito cantado na festividade do ano de 2016, ele comomo vinho afloram o lado profane, tanto do atuante como do espectador.

Assim, posso dizer que o processo criativo me trouxe experiências em uma nova dimensão, ajudando-me a compreender novas possibilidades e interagindo de forma diferente com as pessoas de Bom Jesus. Esse trabalho me oportunizou a convivência direta com os moradores mais antigos e com os jovens, esses que estão fazendo essa nova era do meu lugar.

2.3- Memórias e oralidades e suas importâncias no ato decriar.

Nenhum trabalho é possível sem a escuta, por isso desde a gênese da minha pesquisa, o que me acompanha são os elementos orais. Para falar das ladainhas, folias, pajelança e festividade em Bom Jesus, o exercício do ouvir foi fundamental, porque nada seria feita sem a fala das pessoas.

Como o princípio da pesquisa dependeu da oralidade, no processo criativo não foi diferente, nos ensaios sempre sentávamos em roda para contar histórias, cada um narrava os fatos que ouviram de seus pais e tios, eles tinham o dever de levar essas conversas todas as noites para a sala, só nessa atividade a oralidade se fez muito presente.

A oralidade aparece, outra vez, quando cada menino e menina falam de suas experiências, retratando as vivências do cotidiano que se transformam em cena, e que outra vez vai ser repassada para outras pessoas. Nessas conversas, escapolem conteúdos que se juntam no que já está em formação. A história oral dentro do processo criativo traz a importância de trabalhar o eu, ou seja, nada seria feito se os atuantes não dialogassem com suas histórias junto com tema estudado, com essas ferramentas foram captados outros elementos que não haviam sido gravados nem escritos, por meio do depoimento dos moradores do Bom Jesus e do Edém. A oralidade ajuda, também, aos jovens e aprendizes das manifestações religiosa e cultural da comunidade, na reconstrução desse processo de memórias e histórias da festividade de São Sebastião.

Há, nessas histórias, uma luta por “reconhecimento”, e nesse caso é importante ressaltar o processo de construção pessoal e de pensamento dos atuantes. Eles revelam personalidades que ainda estavam escondidas, desejam que suas histórias pessoais sejam reconhecidas e mais observadas. Nesse ponto, imagina-se que os atuantes oferecem aquilo que ainda não era percebido, e quando percebem que o outro enxerga suas atitudes, que ainda não eram percebidas, fazem dela uma situação própria, de autoconhecimento e aprendizagem de si e dos outros. Por intermédio da oralidade, muitas personalidades dos jovens foram aparecendo, uns eram centrados e outros usavam o ego para serem mais percebidos. Pronunciei que a história pessoal é muito importante, mas o que se enfatiza, na cena, é a coletividade, pois damos vez para a voz de todos.

Fazer esse trabalho cênico, com base nas manifestações do meu lugar é, acima de tudo, interagir com indivíduos e vivências particulares, percebendo que elas chegam para cada um de maneiras distintas, sem o propósito de confirmar verdades, mas de dialogar em grupo tudo o que foi produzido. Assim, a história oral aproximou aqueles jovens para as lembranças das ladainhas, folias, pajelança e da Festividade de São Sebastião em Bom Jesus. Cada elemento ali exposto, em especial os de época, é substituído por construções pessoais de um passado verdadeiro. Os objetos que os atuentes enxergaram (como a viola, o maracá, a cuia e a imagem de São Sebastião, utilizados por Job Barbosa) fazem crer que eles estão reproduzindo as histórias desse lugar.

A oralidade entra no ângulo de imaginação dos atuentes, pois, cada vez que eles narram suas vivências, criam imagens e ações deles mesmos dentro na encenação, isso através das observações que fiz do grupo nos ensaios, ao narrar suas histórias imaginavam-se no palco, rodeado de plateias e com muitos aplausos. Quando eles falavam desses itens, seus corpos mudavam, era a imaginação tomando conta de cada um através de suas memórias e de seus parentes, um ria do outro, dizendo “sonhou né?”. Sentia-me feliz, quando ouvia essas conversas, porque consegui inserir o teatro dentro do grupo, como ferramenta de histórias e de mudança.

Portanto, a história oral foi fundamental em todo o processo criativo desse trabalho, onde visei compreender a construção simbólica e individual de cada atuante do meu lugar, levando em consideração suas memórias. As lembranças se opõem de uma maneira pessoal, porém, sem perder o cunho social que ela exerce no ambiente. Cabe ressaltar que, nesse processo, ela se destaca pela coletividade na vivência de grupos e de pensamentos comuns e individuais, por conter experiências próprias de uma pessoa, que se juntando a outras histórias transformam-se em uma só.

Foi preciso buscar as memórias para criar, o processo criativo não dependeu somente do que eu já havia escrito, mas com esforço de cada atuante que se disponibilizou em buscar memórias das pessoas que pertenceram ao tempo em que aconteciam as ladainhas e folias, não apenas em Bom Jesus, mas na redondeza, que esperava a cada ano a festa de São Sebastião. Ressalta-se que cada memória destacada na cena, são observações que as pessoas oferecem, e elas não são diretamente do grupo, mas são memórias individuais que são guardadas na maneira de como cada um viveu aquele momento. Os processos de recordação geram aprendizados, justamente pelo fato do grupo aceitar outros conhecimentos, assim como devolvê-los ao partir de seu próprio acontecimento.

Quando falamos de memória, não é somente pensar no passado, e sim, perceber em que momento ela ajuda no aprendizado individual, pois nos ensaios os atores lembravam-se do que eles tinham ouvido e praticavam na cena, assim como representavam o que já tinham guardado em suas memórias. Aqui, uso o exemplo de Daniel Furtado, ator que interpreta o pajé. Neto de Job Barbosa, por meio das histórias que já ouviu, ele leva o trabalho cênico muito a sério, diz que não gosta que ninguém fique falando, por ser um momento de respeito, em que ele encena uma herança do seu avô. Abaixo a imagem de Daniel em posição da cena, à direita representando opajé:



Daniel em posição de pajé na cena.
Fonte: Raimunda Moraes.

O que eu percebo nesse jovem é o esforço de mostrar um personagem que é muito próximo de si, e para isso ele busca as memórias do seu avô, que de alguma forma, estão dentro dele, pela genética e pela tradição. A memória, aqui, se apresenta como aprendizado, pois se utiliza dessa ferramenta para construir um personagem que tem uma carga social. Nesse momento, também, ele teve a oportunidade de aprender com o processo criativo, pois mesmo sem a presença física, ele coloca em evidência as lembranças de seu avô Job e seus significados em sua vida.

Dessa forma, percebe-se que o homem se envolve com o acontecimento do presente, é um ser que ocupa um território em um determinado momento, mexido com as lembranças de um passado que fica marcado na mente e em seu próprio corpo. Daniel faz o papel de um pajé como nenhum ator faria com tanta entrega, isso ocorre porque ele se comunica com outras pessoas ou com memórias que ele guarda de seu avô.

Assim, a memória, no processo criativo, serviu como ganho de experiências, ajudando no processo pessoal e coletivo que se fortaleceu por meio do teatro. A cada história falada e ouvida, foi um aprendizado, pois se torna um momento de reviver memórias, que a partir de agora serão, também, guardadas em nossa mente e em nossos corações.

No processo criativo, tive um encontro comigo mesma, e com o coletivo que trabalhei durante todo o período. Durante a jornada, houve momentos difíceis, lembrando que um espetáculo precisa de muitos recursos materiais que, às vezes, não temos em mãos. Quando coloquei a proposta para o grupo, a única coisa que eu tinha era a ideia, e nada mais, por isso tive que correr atrás de tudo. Também tive que ficar muito tempo em Bom Jesus, mesmo morando em Belém, pois não havia condições financeiras para os atuantes se deslocarem até a cidade. Com isso, passei várias semanas na localidade.

De outro lado, tive que correr atrás do espaço para os ensaios, fechar um grupo certo, escrever a dramaturgia com o material que já tinha e inserir as novas histórias. Quanto ao figurino e adereços, improvisamos, e o grupo se disponibilizou e conseguiu criar alguns. Apesar dessas dificuldades, tudo ficou nos conformes, essas coisas acontecem para podermos superar alguns contratemplos, esses obstáculos me ajudaram na disponibilidade, pois para fazer teatro precisamos estar disponíveis.

Fora essas dificuldades, consegui interagir com o grupo e formamos um coletivo forte, com esperança de levar a história do nosso lugar para frente. Acredito que a união faz a diferença, e, para isso, juntamos as nossas forças, pois somos de um mesmo lugar, com a mesma história e com a vivência da festividade de São Sebastião.

Além de serem momentos repassados para o teatro, era um momento de lazer, de diversão e de prazer, para mim o teatro é essa arte que favorece alegrias:



Imagem do grupo divertindo-se no ensaio.
Fonte: Raimunda Moraes (2016).

Penso que seja importante ressaltar o momento de diversão, porque os encontros são eventos de saída da rotina dos participantes, por não terem essa oportunidade em outros momentos. Em Bom Jesus tem um estilo de vida rotineiro, a igreja é um dos poucos elementos que faz com que as pessoas se encontrem à noite, e no ensaio iam outras pessoas que não fazem parte da cena, pois ali se tornou um ponto de encontro.

O processo criativo me ajudou a unir tudo na cena, ou seja, falar das ladainhas, folias, pajelança, festividade, amigos, parentes, comunidades, memórias, história oral, teatro etc. Foi hora de apreciar de todo o trabalho com seriedade e diversão, unir-me com os meus meninos e meninas.

3- A festividade de São Sebastião em Bom Jesus.



Capela de São Sebastião em Bom Jesus.
Fonte: Raimunda Moraes (2016).

Festividade significa festa, uma solenidade que atinge um número grande de pessoas, se diversifica por vários significados, inclusive a religiosa, quando resulta de procissões ou romarias que podem ou não estar diretamente ligado com os santos padroeiros. As festividades religiosas se elevam por fazer parte de um cunho cultural e social de um determinado lugar, dando ênfase a fatos, personalidades emistérios.

Quando as ladainhas e folias deram por terminadas em Bom Jesus, e antes do falecimento Job Barbosa entregou a responsabilidade de levar adiante as homenagens a São Sebastião para o meu irmão Rozivaldo Moraes. Assim relata Oneide Furtado (2015):

Meus irmãos, quem for vivo não parem, não deixe São Sebastião pro canto. Aí o filho Rozivaldo, o filho dessa Maria, ele é o mais velho, ele foi em casa, fez uma reunião, ele estava doente ...aí ele disse: “Rozivaldo, eu mandei te chamar, meu filho, aqui em casa pra eu ter uma conversa contigo, não tô dando mais conta do nosso Santo São Sebastião, o nosso padroeiro, ele falou assim, então eu vou pedir que tu fique como responsável, pra ajuntar o pessoal pra não deixar ficar assim, eu sei que eu não dou mais conta.

Foi por esse motivo que Rozivaldo deu prosseguimento à devoção ao Santo. Havia um “problema” em toda essa situação, porque as ladainhas e folias eram feitas nas casas, não existia um lugar para concentrar as homenagens ao Santo, e a resposta de Rozivaldo ao pedido de Job foi: “tio nós vamos fazer uma igreja”. A partir desse momento, Rozivaldo começou a pensar em uma nova maneira de festejar o Santo guerreiro. A igreja de São

Sebastião em Bom Jesus foi construída aproximadamente no ano de 1999 a 2000, no mesmo lugar onde ficava a casa antiga de Job Barbosa.

Minha Mãe, Maria Moraes, disse-me que certo dia Rozivaldo ouvia rádio, e o locutor anunciou a programação da festa de um Santo de outro lugar, e meu irmão teve a ideia de: “em vez de São Sebastião ir até as pessoas, como era antigamente, as pessoas virão até o encontro do Santo”. Nesse termo, surgiu a Festividade de São Sebastião em Bom Jesus, assim como todas as outras comunidades que adotaram a festa, cada uma com seus Santos.

A festividade de São Sebastião iniciou apenas com as comunidades vizinhas, que fazem parte do setor Bom Jesus, como Triunfo, que comemora Santa Maria; Edém, com Divino Espírito Santo; Campo Limpo, com São Pedro; Taperinha, com São Benedito; e Bom Jesus, com São Sebastião. Essas foram as primeiras visitas que Sebastião recebeu em sua casa no novo contexto religioso, a festividade. Depois, a festa foi tomando forma e atingiu a visita de quase todo o município.

A partir do momento que a igreja foi construída, Oneide, por sua vez, entregou São Sebastião para ficar na capela, já que a imagem ficava guardada em sua casa:

Quando eles fizeram a igreja, eu peguei, chamei novamente o pessoal daqui da comunidade, os meninos novos, o Rozivaldo, o pessoal que estavam se envolvendo, aí eu peguei e disse: gente eu agora estou entregando o São Sebastião pra ir pra igreja, pra casa dele já que está pronta, então agora ele vai pra casa dele, não vai ficar o tempo todo lá no quarto de casa, porque era onde eu deixava né? Então tá aí o São Sebastião, podem trazerem ele e colocarem na casa dele, aí foi que eles vieram buscar e colocaram, está lá naquela capela, onde era a casa do homem que gostava e era responsável por tudo. Eu trabalhei com ele vinte e sete anos, só eu com ele agindo, e o pessoal que ajudavam (FURTADO,2015).



Imagem de São Sebastião doada para a igreja.
Fonte: Raimunda Moraes.

Agora, São Sebastião passou a ter uma morada fixa. Percebe-se que a relação de Santo com Bom Jesus vem ultrapassando barreiras desde o princípio, porque mesmo no seu estado material ele tem um sentido. Fernandes (2011, p.83) reflete sobre o significado dos objetos na organização simbólica de determinadas comunidades:

Em primeiro lugar, em razão da dissimulação em que se encontra a heterogeneidade dos discursos, há necessidade de elencarmos os objetos mediante os quais os sublinhar da ideologia/valores perpassam. Para fins conceituais, entendo o objeto como coisa material para a qual convergem sentimentos, pensamentos e ações, e que está situado em uma dimensão exterior ao sujeito cognoscente e agente. Portanto, um objeto [lat. *Objectos, us* 'ação de por diante, obstáculos que se apresenta aos olhos'] só existe em relação a um sujeito, a um ator, este compreendido como portador de um papel ativo em determinado acontecimento, ou circunstância, como é o nosso caso, compreendido no mesmo sentido de papelsocial.

Entendo que no objeto é possível centralizar uma força que passam por muito tempo, quando representa um valor simbólico ultrapassa todos os sentidos da fé. É nessa dimensão que São Sebastião junto com seus devotos apresenta no mês de janeiro uma grande festa que envolve sentimentos, pensamentos e ações.

3.1- Uma experiência na Festividade de São Sebastião no ano de 2016.

Aqui irei expor a minha experiência vivida na festividade de São Sebastião na comunidade de Bom Jesus, em Santo Antônio do Tauá no ano de 2016. Durante eu morar em Bom Jesus sempre tive uma participação muito grande na igreja, contudo participava do grupo de canto e da liturgia, mas quando saí de lá me afastei desse compromisso, mas sempre que posso participo do evento. Desde o ano de 2015, venho participando da Festividade para aprofundar a minha pesquisa, e no ano de 2016 me envolvi direta e indiretamente na produção, tanto com o olhar de participante da comunidade, devota de São Sebastião, e como pesquisadora. Envolvi-me muito em cada detalhe da festa, emocionei-me, chorei, pedi e agradei. Por isso, aqui irei transcrever os momentos vividos em Bom Jesus e usarei imagens para ilustrar cada ação desenvolvida.

As noites escuras começam a baixar, e de longe se escuta os fogos, já é permitido seguir caminho para as peregrinações de São Sebastião. As peregrinações começam no mês de dezembro, atividade desenvolvida para envolver os fiéis antes da festividade. Os devotos saem na madrugada e na noite para rezarem a novena de casa em casa, esse ano foi possível retomar a prática das folias, atualizadas, como dessa caminhada. Ao chegar às residências, os foliões celebram por intermédio de uma cartilha da novena do Santo, quando termina todos

degustam de lanches, que é doado pela família que o recebe, e jogam bingo. São Sebastião pernoita na casa do fiel, no outro dia é buscado por toda a comunidade que sai em procissão até chegar à outra casa. Nessa trajetória das noites e madrugadas, há uma proximidade das pessoas, isso facilita o reconhecimento de cada membro que participa da festividade e leva a evangelização aos fiéis, pois,

entende-se que embora o papel da igreja seja apresentar a doutrina cristã aos fiéis como proposta de espiritualidade, em que Jesus Cristo é o centro a igreja vê a relação do fiel e santo com “bons olhos” (...) Dentro de um método qualitativo, as opiniões obtidas do questionário, permitiram a esse estudo um universo de significados, aspirações e valores, além de conhecer de perto, as diferenças e qualidades de cada fiel e membros da igreja católica (CRUZ, CORREA E MACIEL, 2013, p.35).

Percebe-se que essas intimidades do celebrante com os fiéis ajudam no desenvolvimento do trabalho geral da festa, pois além de falar da palavra de Deus, aproxima-se com interesse de levar mais pessoas para a igreja. Analisei, nesse contexto das peregrinações, o diálogo com a esmolação que Job Barbosa fazia com seu grupo, indo de casa em casa, embora de outra forma, mas com o mesmo objetivo. Não há perda do que o grupo de Job fazia, há uma comparação que sempre estarão ligadas, e o intermédio dessas histórias é São Sebastião: “o que observo é que para os devotos a imagem, por extensão o santo, é humanizada, apresentando uma relação de maior proximidade com aqueles que necessitam de milagres” (FERNANDES, 2013, p.85). A crença em São Sebastião sempre levará essa tradição, pois uma geração repassará para a outra e essa vai seguindo viagem.

Outro fato que aconteceu nesse ano foi a procissão com o mastro, essa é mais uma das tradições que ainda sobrevive em muitos lugares. A caminhada fez abertura para a festividade do ano de 2016 foi na noite de sábado, dezesseis de janeiro, seguimos a estrada escura de Bom Jesus, o que iluminava eram as luzes das velas que eram cercadas com “garrafa pet” e um cabo que o segurava. Sempre achei interessante ressaltar essa escuridão, que ao ser coberto pela procissão reflete uma teatralidade divina, ao olhar aquelas luzes observava a poética do meu trabalho, pois ela está presente em cada detalhe, nas folhas, nas estradas empoeiradas, e naquelas vozes que tomam rumo. Abaixo a ilustração desse momento no escuro, refletindo então o contato direto com a natureza, e o que ela tem de melhor para oferecer:



Procissão de São Sebastião na abertura da festividade 2016.
Fonte: Raimunda Moraes.

Essa é uma figura que representa a caminhada que deu abertura às festas, seguiam nela crianças, idosos, jovens e toda a comunidade de Bom Jesus. São Sebastião ia à frente, no seu andor, e mais atrás vinha o mastro, esse é um símbolo que tem uma força muito grande nas festividades, pois:

sobrevive o costume de plantar uma árvore pelos três santos de junho (Santo Antônio, São João e São Pedro) e pendura-lhe frutos, flores e enfeites de papel ao som de cantos. Em algumas partes os mastros recebem as mesmas honras votivas. As premissas das colheitas são dispostas nessa árvore [...] A intenção proclamada é que a terra dará melhores e abundantes frutos depois dessas árvores e mastros enfeitados [...] Essas árvores e mastros votivos são reminiscências dos cultos agrários as forças vividas da fecundação das sementes (CRUZ, CORRÊA, MACIEL apud CASCUDO, 2002, p.371).

O mastro é essa oferenda que está ligada a crenças dos agricultores em prosperar o alimento e tudo que é retirado da terra para a sobrevivência, também uma forma de agradecer Deus e aos santos pelas graças alcançadas, mas não abandona a ideia de ser uma comemoração para a satisfação do corpo, pois na maioria da caminhada e levantamento dos mastros são usadas bebidas, aqui o vinho, para obter mais alegria e diversão. Encontro na tradição do mastro, em especial em Bom Jesus, uma grande ligação, talvez a maior, do sagrado com o profano, essa mistura de corpos que se unem a cada passo andado, e o vinho que é tomado, que eleva as pessoas para um estado de corpo alterado, e as conversas que não são somente orações e sim “encarnação” um para com os outros. Geralmente, as pessoas que vão rezando seguem em frente e mais atrás vai o mastro com alegria e aos gritos saudando o nome do Santo.

Em Bom Jesus, neste ano, o mastro saiu da casa do senhor Raimundo Anjos, passou pela frente da igreja e caminhou por todo lugar, e por onde passava, junto com a imagem, era recebido com fogos e palmas. Abaixo, a imagem ilustra a caminhada dos homens com o mastro:



Homens carregando mastro na abertura da Festividade 2016
Fonte: Raimunda Moraes.

Essa foto foi feita em frente à igreja, por esse motivo ninguém ainda bebia, porque há o respeito para com o sacrário, localizado no interior da capela, e existem pessoas que estão ali somente pela “fé” e “respeito”, em especial os idosos, e eles dizem que isso é “sacanagem”, mas quando passa dessa área e entra na parte escura, começa a “bebedeira”.

A procissão seguiu, foi uma noite cheia de emoções, em frente às casas havia homenagens a São Sebastião. Passou pela casa de Oneide Furtado e faixas escritas saudavam o padroeiro. Já na casa de Manoel de Belém sua esposa aguardava o guerreiro com uma imagem, agradecendo as graças alcançadas. E pelas ruas as bandeirinhas balançavam e chegamos à casa da tia Lurdes Furtado, que largou lágrimas, porque passou um momento difícil de saúde, sofreu a perda da perna, e encontrava no santo o refúgio de suas dores:



Lourdes Furtado emocionada com a passagem de São Sebastião.
Fonte: Raimunda Moraes.

Esse foi um momento muito emocionante, pois era recente o ocorrido com tia Lourdes, a comunidade entrou em clima de oração quando ela se via em aflição e era o momento que ela acreditava que estava bem e com saúde, apesar de uma perna não estar mais em seu corpo.

Ao som dos cânticos e orações, o carro-som avisava que a Escola Municipal de Bom Jesus também homenageava o Santo. Com aplausos, todos caminhavam rodeados de velas, que formava um caminho comprido. Ao passar pela casa de minha mãe Maria Moraes, os fogos iluminavam o céu e Sebastião foi seguindo e rodeou o campo verde, chegou então na sede social do *Floresta Esporte Clube*. Aqui cabe ressaltar que, antigamente, havia a festa de aparelhagem na sede do clube que enfatizava a festa de São Sebastião, que mais tarde acabou devido à proibição pelo pároco da matriz. A casa de festa estava rodeada de balão e outra vez os fogos explodiam, e a cada passo dado, a emoção era mais forte, naquela sede também, pois todos pedem ao Santo que dê uma festa (profana) abençoada. A imagem abaixo ilustra o momento de homenagem em frente a sede:



Homenagem a São Sebastião em frente à sede do *Floresta Esporte Clube*.
Fonte: Raimunda Moraes.

Assim, as crenças iam juntando-se, por meio da fé, toda essa movimentação da comunidade se dá porque a devoção a São Sebastião é muito forte, é nele que se encontram refúgios espirituais e materiais. É pela intercessão do Santo que são pedidas bênçãos para as famílias, saúde para os enfermos, um bom rendimento financeiro na festa e na festividade, é união de religiosidades, pois se acredita que a manifestação é promovida pela igreja católica, mas há pessoas que, mesmo às escondidas, veneram o Santo através de outros meios, até porque não é novidade a relação com a pajelança em Bom Jesus. É nessa diversidade de acontecimentos e crenças que se estabelece a junção de fragmentos que tornam a caminhada além da fé, ultrapassam barreiras, pois:

O que se observa é que, mais do que arautos da igreja, tocando tambor e entoando cânticos e ladainhas como autênticos missionários e cruzados do século XXI, estes jovens e senhores estabelecem uma rede de pertencimento que marca a identidade de uma região, para além de fronteiras e territórios de estados e municípios. Dos que partem, alguns desistem, outros permanecem, mas todos têm a sua fé e solidariedade renovadas (FERNANDES, 2013, p.100).

É nessa dimensão que a procissão de São Sebastião acontece todos os anos, renovando-se e procurando melhorias, para receber novos componentes, e renovando a tradição de uma comunidade.

Depois da homenagem na sede, o Santo seguiu nas curvas da estrada, ele estava rodeado de flores vermelhas, e seu andor coberto por papel laminado verde, em seu corpo fitas vermelhas e verdes, e quatro pessoas o carregava em seus ombros:



Imagem de São Sebastião na procissão da festividade 2016.
Fonte: Raimunda Moraes.

Assim, o Santo vai passando e realizando os seus milagres. Não são apenasos devotos de Bom Jesus que chegam para homenageá-lo, muitas pessoas se deslocam até Bom Jesus para esse acontecimento, porque São Sebastião é muito importante na vida deles, cada um sabe um pouco da história desse padroeiro, e assim cada um conta da sua maneira, como Manoel de Belém (2016), em entrevista:

Olha o que eu sei é assim: pelo o que eu conheço um pouco da história dele, que ele foi um soldado e aí como ele era muito temente a Deus, nesse tempo não podia falar de Deus, eles mandavam matar, os reis mandavam matar. Por isso que São Sebastião foi flechado e foi amarrado num pé de laranjeira, eles deixaram ele como se estivesse morto só que ele não morreu, que quando avisaram, a família dele chegou lá e ele ainda tava vivo, eu sei assim um pouco da história de SãoSebastião.

É por tais motivos, que Sebastião se tornou santo por observar e falar da palavra de Deus para pessoas que não acreditavam, e por isso recebeu seus méritos de ser falado até hoje.

A trajetória da procissão tomava rumo, o ministro da eucaristia, Adilson Aguiar, rezava em tom alto o terço e exaltava o santo. Ao se aproximar da capela, houve outra homenagem com fogos de artifícios no bar do meu pai Marcos Furtado, e na frente da capela inúmeras pessoasjá aguardavam o padroeiro. Foi nessa alegria que a comunidade recebeu

mais um ano o Santo na capela, o mastro chegou e levantaram-no, os devotos entraram na igreja e o grupo das folias cantou para receber toda a comunidade.

Iniciou-se a celebração Eucarística, celebrada pelo diácono Joaquim Ataíde, ao terminar, todos se prepararam para a apresentação de teatro. Esse foi outro momento muito importante para comunidade, e em especial para mim, no qual me senti muito feliz, porque ali estava um pouco da minha história, o que eu estudo e o retorno para a localidade. Foi o primeiro ano que teve apresentação de um espetáculo na programação da festividade, e por meu intermédio o grupo Sant'Arte, da paróquia de Santa Rita de Cássia, da Cidade Nova, em Ananindeua, região metropolitana de Belém, dirigido por Leonardo Bahia. Esse grupo apresentou o espetáculo *São Sebastião, uma flecha por amor a Cristo*, em seu maior estilo a história de São Sebastião em Bom Jesus. Abaixo a ilustração desse momento:



Apresentação do teatro no terreiro da igreja.
Fonte: Raimunda Moraes (2016).

O grupo contou a história de São Sebastião, por meio da cena, eles usaram vestes de acordo com a temática a ser tratada. O palco foi montado pelos membros da comunidade, o grupo saiu aplaudido e com a localidade com outros interesses para o próximo ano.

Essa atividade artística teatral contribui de maneira positiva para a população, como uma forma de contribuir na formação de um gosto teatral até então não existente em Bom Jesus. De outro lado, ajuda em um novo olhar voltado para a inserção nas práticas culturais e políticas, em variados lugares que ainda não tem o convívio direto com o teatro, em especial a minha comunidade. Sobre essas questões é ressaltado:

Esse modernismo tardio nas artes dramáticas brasileiras é resultado da própria história do teatro no país, na qual se percebe que o teatro não é explorado ao máximo como espaço de formação educacional, de cidadania, portanto, espaços para debates, reflexões e ações que possam contribuir á sociedade. Falta um desenvolvimento mais consistente á formação de dramaturgos, grupos, construção de espaços físicos para ensaios e apresentações, como a de políticas públicas para o incentivo á produção cênica, além da circulação (BEZERRA, 2013, p.73)

Assim, adquirindo o gosto pelas manifestações culturais e artísticas, torna-se mais fácil lutar por esses direitos da comunidade.

O segundo momento foi a aceitação das outras pessoas, havia no olhar um encantamento diferente, alguns fixavam o olhar na cena e ficavam admirados, as crianças falavam que o homem tinha levado uma flechada. E, assim, aconteceu o espetáculo em Bom Jesus, com o intuito de fazer crescer, ainda mais, o interesse pelo teatro como elemento cultural dessa história. O teatro, também, é essa arte que estimula, envolve, transparece e diz coisas que a própria história não pode dizer. Depois da apresentação do espetáculo, a comunidade se dispersou, e aos poucos acabava aquele momento, restaram os membros da comunidade para organizar o espaço.

No outro dia, ainda era cedo, e as pessoas já se mobilizavam com os preparativos para a noite, era domingo, dezessete de janeiro de dois mil e dezesseis, outra vez aconteceu a celebração em da palavra em homenagem às famílias, realizada pelo diácono Emanuel Fernandes, com a participação do setor 29¹⁸. Ao terminar o culto, ocorreu o bingo. O jogo do bingo é também muito comum na festividade, pois todos o compram, e nessa noite se reúnem muitas pessoas e só vão embora depois que “corre” o último prêmio. É um modelo antigo de segurar os participantes da festa, para eles consumam as comidas comercializadas. A imagem abaixo mostra o momento em que o jogo do bingo acontece, todos se concentram com intuito de ganhar o prêmio:

¹⁸ Setor 29 é um termo adquirido para resumir, as comunidades pertencentes a esse setor. Setor 29 é constituído pelas localidades que ficam situadas na PA 140, Km 25; km 28; e km 29. São lugares que fazem parte do setor 29.



Marcação do bingo na festividade.
Fonte: Raimunda Moraes (2016).

A data que ocorre o bingo é a noite que se espera o maior público na festividade, porque existe uma troca de valores, ou seja, todas as comunidades se responsabilizam com um número de cartelas da festa, quando acontece a festa das outras comunidades vai o mesmo tanto de bingo para ter um retorno tanto de pessoas como o financeiro.

Nessa mesma noite, aconteceram muitos eventos, até porque nos últimos anos a festividade tem crescido muito. Sobre esse fato, lembro-me dos anos em que eu morava em Bom Jesus, era mais simples, ainda não havia energia elétrica e nem muitos veículos (carro, moto) por isso todos formavam um grande grupo e saía pelos caminhos rindo e contando piadas, a energia era transmitida por motores que ficavam ligados somente naquele momento. Nessa caminhada, também havia encontro de namorados, conversas de “visagem”, e as noites de luar eram as mais esperadas, quando era para as comunidades mais distantes, os deslocamentos dos fiéis eram por ônibus, caminhão ou canoa, esse aspecto talvez seja o que ainda sobrevive a essa mudança. Portanto, com todas as transformações ainda ocorrem muitas emoções nas festas de santo de todas as comunidades.

Outro momento dessa noite foi o desfile de miss, outro movimento elaborado para arrecadação de dinheiro, para ajudar na ornamentação da igreja. Meses antes são escolhidas duas ou três moças da comunidade, elas se propõem a fazer vendas (lanches, caderno de ouro, rifas, bingos etc.) para lucrar, na noite do desfile elas levam a quantia arrecadada e um casal de jurados confere e dispõe o valor para o anunciante, enquanto isso a comunidade rodeia as moças, que com a beleza aflorada desfilam paratodos:



Desfile das missas de São Sebastião 2016.
Fonte: Raimunda Moraes.

As missas desse ano foram Jaqueline Furtado e Letícia Pereira, e a do ano de 2015, Julia Pereira, que entregou a faixa. Assim, as pessoas gritam, batem palmas e as missas ganham prêmios, quem leva a maior oferta, ganha uma lembrança com mais valor e a que fica em segundo lugar também ganha um valor simbólico.

Antes de todas as comunidades se despedirem acontece a queima de fogos, esse ano foi muito emocionante, pois a imagem escura de Bom Jesus se clareava e todos cantavam, e chamou a atenção, porque foi o ano que teve um patrocínio mais forte. Já o samba de São Sebastião, que esse ano junto com as folias fez parte de todas as noites, trouxe um clima de alegria, é uma letra do Padre Joãozinho, a comunidade toda se uniu para ver a queima de fogos junto com o samba, que se tornou o hino do ano:

São Sebastião.

Salve o nosso Santo Padroeiro
Foi soldado e foi guerreiro Mas
lutou só pelo bem.
São Sebastião lutou no exército de Deus também, e não bastou.

Não, não, não, não, não! Uma flecha não bastou para calar a sua voz.
São Sebastião! São Sebastião rogai por todos nós!

Salve o nosso Santo preferido
São Sebastião querido
Mora em nosso coração
Força, fé e amor e a esperança em Cristo Redentor. E não bastou.

Salve o nosso Santo Glorioso
Santo humilde e poderoso

Vence a morte pelo amor
São Sebastião, morrer por Cristo é ser vencedor. E não bastou¹⁹.

Esse samba, ao ser cantado, nos emociona muito, quando ele foi tocado e os fogos acesos houve muita movimentação em toda a comunidade, pois todos pararam seus afazeres para prestigiar o Santo naquela noite de domingo.

Ainda na mesma noite aconteceu o jantar do “Bastião”, assim como a venda das comidas típicas, que fazem parte de todas as noites, todos vão para degustar dos sabores regionais que são vendidos. Além das vendas das comidas, tem a pescaria, momento em que as crianças se distraíam e o grupo de jovens também vendem brinquedos, além do leilão que animava o povo.

Assim, nas outras noites foram acontecendo outras manifestações que rechearam a festividade. Todas as noites aconteceram a celebração da palavra e depois acontecia uma apresentação para abrilhantar a noite. Dezoito de janeiro aconteceu a apresentação do louvor católico, com o grupo de canto da comunidade do Edém. Já no dia dezenove, a apresentação de paródias e carimbó com grupos regionais. Foram momentos muito importantes, porque são valorizados os grupos existentes no setor, ajudando aos jovens, crianças e idosos a participarem da cultura do lugar. Abaixo, a imagem da apresentação do carimbó com a associação das mulheres do local:



Apresentação do carimbó com o grupo das mulheres.
Fonte: Raimunda Silva Moraes.

¹⁹ Composição de Padre Joãozinho. Disponível em: Link: <http://www.vagalume.com.br/padre-joaozinho/sao-sebastiao.html#ixzz3yfgR1mFU>

O grupo das mulheres tem um destaque no setor Bom Jesus, porque está diretamente dialogando com as festividades e outros eventos que ocorrem no local durante o ano. As mulheres receberam muitos aplausos e saíram de cena.

E por fim chegou vinte de janeiro, o dia mais esperado, cujo foco está centralizado na Santa Missa em reverência a São Sebastião. Chegou o seu dia e Bom Jesus iniciou a organizar a igreja, as crianças, os jovens e idosos começaram a se mover, e por volta das cinco horas da tarde começou a Missa, ministrada pelo Padre Daniel Barros, que em sua homília falou do evangelho e do exemplo de São Sebastião. Essa data é muito importante, uma vez que é o momento em que todos adoram Jesus Cristo de uma maneira mais completa, e também por ser a data do nosso padroeiro, do santo que desde o princípio vem intercedendo por Bom Jesus.

É a hora de relembrar Job Barbosa que, com muita luta, fez dessa comunidade um exemplo de evangelização; e de pessoas que trabalham em grupo para fazer da festa de São Sebastião uma das mais significativas do setor. E, por meio de Job Barbosa, ganhamos sua família que ajudam nessa trajetória, sabemos que não é mais a ladainha que é rezada, mas foi por esse motivo que hoje se faz essa festa, ainda lutamos para a atualização das ladainhas, mas enquanto não acontecem ilustramos abaixo a imagem da Santa Missa, que atualmente substitui a ladainha:



Celebração da Santa Missa.
Fonte: Raimunda Moraes.

Assim, a santa missa foi celebrada com muita alegria e satisfação, fechando com chave-de-ouro a nossa festividade do ano de dois mil e dezesseis. Ao terminar esse momento, houve a apresentação das folias, pois o padre ainda não tinha conhecimento o grupo e fez

questão de assistir, em seguida aconteceu a “derrubação” do mastro, na qual os grupos das mulheres ficaram responsáveis pela bandeira do próximo ano.

Mas, para concluir a manifestação cultural, ainda aconteceu o cinema, há dois anos esse ato vem dando certo no cenário da festa, é onde as pessoas tem oportunidade de distrair e passar mais uma noite para celebrar o evento. O filme é uma maneira de comemorar o acontecido, lá as pessoas compram pipocas, enquanto alguns assistem ao filme conversam, consomem outras comidas etc. Abaixo a representação desse momento.



Apresentação do cinema.
Fonte: Raimunda Moraes.

O cinema fechou a programação da festividade do ano de 2016. Depois quem participou direto das programações se sente aliviado pelo trabalho, além da falta das noites de diversão e alegria. Senti-me muito honrada por ter participado de cada detalhe dessa festa, que representa a minha história de vida, foi o momento de refletir, pesquisar e trabalhar muito para terminar esse primeiro ciclo. A festividade vai muito além das noites que acontecem eventos, ela é o esforço que levou Rozivaldo Moraes a pensar a festa para frente, mas, para isso, todas as honras vão para a raiz, ou seja, em agradecimento a Job Barbosa:

Mas a relação da ladainha, das folias, da igreja, de toda a comunidade, isso aqui a gente vai levar pra sempre porque foi algo que ele nos passou, e sei lá, principalmente eu me sinto muito feliz por ele ter iniciado essa comunidade e hoje o nome dele vai ser levado daqui pra frente, porque a gente não vai deixar ele ser esquecido. Então por isso que todos os anos a gente faz o esforço e tanto para que a nossa festividade continue, fique sempre bonita e sempre o nome dele vai no meio, sempre a gente faz as nossas programações e o nome dele está lá no meio. Foi de lá, a partir dessa raiz de ensinamentos que estamos até hoje é que deu o nome a esta comunidade. A comunidade de São Sebastião existe e tem esse nome por causadele,

tudo veio dele e a gente nunca vai esquecer, e eu agradeço muito por ter herdado, não o dom da pajelança, mas esse outro lado dele de gostar de cantar, de estar com a imagem de São Sebastião, que era um grande devoto dele, Deus o livre! Então pra gente como filhos é uma honra, trazer isso registrado na nossa vida, tudo que ele me ensinou desde moleca, desde muito nova, eu agradeço muito, e a Oneide também (DORA,2016).

A festividade é justamente essa junção de conhecimentos que perpassam gerações, apesar de chegar a uma festa moderna, nunca serão esquecidas as verdadeiras raízes que se iniciou com as ladainhas e folias, com a esmolação e com a devoção a São Sebastião.

Com isso, a festividade de São Sebastião vai ganhando força e se colocando como uma das festas mais importante no município, devido o crescimento que ela tem atingido a cada ano, pois se renova de acordo com a mudança de tempo. Mas é de extrema importância ressaltar que as mudanças, os processos de modernização, atualização da festa tem uma parcela de envolvimento nisso tudo, a festividade tem crescido com a venda de comidas, desfile de miss, teatro, cinema, queima de fogos, brincadeiras de criança (parque no ano de 2015), a introdução de bandas e grupos, tudo isso com o intuito de fazer com que ele se torne a cada ano melhor, que ela se “abrilhante”, mas não é só isso, pois cada detalhe desse inserido é com o propósito de arrecadar verbas. A tecnologia entra em um lugar, mas ela sempre tem um objetivo, que no caso da festa em Bom Jesus estão mantendo uma cultura popular e religiosa, mas a renovação com o tempo é inevitável, pois:

Talvez aí resida o problema da banalização do multicultural, mesmo que tenhamos a necessidade de continuar afirmando a necessidade da diversidade cultural, pois diversos nós somos: a questão é que qualquer resistência, no capitalismo, torna-se produto, e ao se tornarem produtos esvaziam-se as resistências, ou que poderia ser resistência potencial. Por isso deve estar de olho nas estratégias de controle, adaptação e integração da cultura popular, pois estes minimizam as diferenças, muitas vezes dissipando (ou dissolvendo) justamente o que marca a qualidade dessa cultura: é popular porque traz em sua constituição a heterogeneidade, com a presença de variada senda de sujeitos culturais, mas que devem ser apreciados em um caráter homológico entre as culturas compósitas. Talvez aí faça sentido se afirmar pelo multiculturalismo de mercado (FERNANDES, 2011, p.113).

É nesse sentido de transformação que percebo a festividade, seguindo um caminho que não é somente religioso, mas que se caracteriza com as atualizações culturais, até porque é inevitável essa junção, pois as pessoas mudam com o tempo, e o tempo vem cada vez mais repleto de novidades, e isso é o que está prendendo a atenção de muitos.

Outro fator a ser destacado é a questão social da festividade, ela desenvolve um papel que se liga por fragmentos, forma uma rede social, mantida por vozes, pessoas, experiências, profissão etc. Apesar do trabalho dentro da igreja, isso já se torna uma profissão que faz parte de um esquema social, no caso a coordenação da igreja.

Assim, a festividade de São Sebastião, apesar de toda a mudança, ainda assim, é a sobrevivência da luta diária de Job Barbosa para manter a tradição de devoção ao Santo, que marca as ladainhas e folias como princípio dessa história. Outra pessoa é Rozivaldo Moraes, que se empenha para levar adiante o trabalho. Nesse momento, destacam-se todas as pessoas que fazem parte da comissão da capela de São Sebastião, e a comunidade toda que se une para estar todos os dias fazendo a igreja ser viva. E, por fim, a abertura que a academia oferece ao aluno para ir pesquisar essas manifestações, pois aqui é possível obter materiais que irão enfatizar o meu trabalho escrito e cênico, dando também o retorno para a universidade, e, acima de tudo, ao meu lugar, a Bom Jesus, com esse trabalho.

Considerações Finais.

As ladainhas e folias de São Sebastião foram, por algum tempo, a história viva da comunidade de Bom Jesus. Estavam conectadas com as pessoas que viveram naquele período, refletindo, assim, uma história regional e pessoal da minha família e da minha vida, desenvolvendo um papel social e religioso na localidade. Mas, por motivos passageiros, essa manifestação desapareceu da vista dos moradores, mas não de suas memórias, porque através das lembranças é possível fazer história.

Estudar essa prática foi muito importante, para compreender o ponto crucial de uma comunidade, e em particular saber um pouco mais da importância que Job Barbosa desenvolveu para a construção histórica, religiosa, cultural e social de Bom Jesus. A história oral foi de suma importância para a compreensão da particularidade de cada sujeito, por estar inserido dentro de um coletivo, em especial nas ladainhas e folias de São Sebastião em Bom Jesus.

Esse trabalho não se dá por encerrado, pois ainda existem muitos elementos a serem revistos e redescobertos, mas considero um início que desvenda o imaginário comunitário e de novos caminhantes que se interessam pela mesma área. Também concretiza o início da história de Bom Jesus escrita e registrada, algo que se eleva porque ganha uma nova dimensão que ultrapassa o que os moradores devem conhecer.

As memórias, por sua vez, depois de lembrada têm a possibilidade de tornarem-se histórias concretas, que além de serem ouvidas, contadas, podem ser também lidas. Serão passadas para outras gerações, para outros tempos. As ladainhas e folias de São Sebastião são apenas um ponto de partida que abre leques de novas possibilidades.

A festividade vista por outro ângulo é contribuição desses pioneiros da comunidade, que ressaltaram São Sebastião como padroeiro das causas importantes do lugar. Aqui, relembramos de todas essas histórias em memória de Job Barbosa, pela sua luta constante de levar adiante, e a Rozivaldo Moraes por oferecer o novo olhar em direção do além.

Assim, essas memórias ganharam voz e vez e hoje caminham em outras direções, as pessoas que fazem de uma festa várias festas, ou seja, ao longo do tempo essas pessoas vêm inovando, re-significando e mantendo uma história própria.

Talvez, muitas pessoas me perguntem qual o aprendizado que recebi dessa pesquisa, desde minhas idas a campo até a apresentação do espetáculo. Essa é uma questão muito ampla, pois cada pessoa adquire conhecimento de sua forma, posso dizer que ganhei muito além do que eu esperava.

Escolher as ladainhas e folias de São Sebastião para esse trabalho foi difícil, pois quando falei que essa manifestação terminou muitos me disseram que não adiantava eu insistir em algo que não “existe” mais. Mesmo assim, persisti, e com a ajuda de alguns amigos e os moradores de Bom Jesus, consegui realizar a primeira entrevista. Com os primeiros dados em mãos sempre faltava alguma coisa, com isso comecei a questionar meu pai, minha mãe, meus irmãos, meus tios e qualquer pessoa que falasse a palavra ladainha e folia. Nessa insistência, aprendi que dentro de uma casa, igreja, escola, seja lá qual for o lugar, é preciso persistir naquilo em que se acredita, caso contrário, as coisas não têm sentido. Levo essa garra para o âmbito educacional, que é o lugar que espero alcançar, acreditando que a intuição faz parte dos desejos pessoais, ou seja, mesmo com todos os não que ouvi nunca parei nesse ponto negativo, acreditei no sim.

Sempre busquei falar e estimular as pessoas da minha comunidade a pensar sobre o assunto que pesquisava, aqui e ali alcançava um fragmento e guardava em letras. Comecei a pensar meu trabalho através da performance, mas parecia que faltava alguma coisa, mas à frente tive a disciplina de Etnocologia²⁵, e imaginei que ali era o meu lugar, mesmo assim sentia-me incompleta, e finalmente me encontrei com a história oral e os estudos da memória, algo que despertou em mim a vontade, ânimo e “tudo” se clareou. Não que os outros caminhos fossem incompletos, mas através da memória consegui enxergar o teatro, pois teatro é memória, a história do meu lugar, dos meus familiares e a mim mesma. Nessas trajetórias, adquirimos conhecimentos, e no contato com a academia me foram oferecidos leques de opções. Vejo esta transversalidade de dúvidas e certezas dentro do contexto educacional, pois assim como na academia, funciona a vida, esses caminhos que nos trazem certezas e incertezas.

Chegou o momento de outras entrevistas, como imaginei no princípio, foram faladas uma série de assuntos, alguns com mais entusiasmo e outros com timidez, entre muitos diálogos, aos poucos se revelaram histórias inéditas. Descobri muitas coisas sobre ladainhas, transcrevi folias, conheci mais tio Job, entrei no tema da pajelança, festividade, casos pessoais, histórias tristes e alegres. Aqui foi possível perceber, que ao aceitarmos estudar teorias, temos que estudar as práticas, vivenciá-las, pois grandes aprendizados são adquiridos através da escuta e da troca de experiências. É isso que o aluno precisa mais do que escrever e ler é ser ouvido.

²⁵ A etnocologia estuda as práticas espetaculares de diferentes culturas, envolvendo manifestações expressivas de uma dimensão física, espiritual, e emocional e cognitivas.

Outro item, que me ofereceu potencial, foi quando comecei a superar meus medos, indo atrás da realidade que acarretam a minha vida: chorar junto com aquelas pessoas, rir, andar descalça, ir à procissão com o santo e os devotos, tomar café, jogar bingo e ser quem eu sempre fui. Mesmo pertencente a esse universo cultural, o tempo muda e a cidade oferece um estilo de vida diferente. O meu retorno para Bom Jesus foi de busca, e ela não termina aqui, ela se diversificará e tomará rumos diferentes, podendo outra vez encostar-se a outros conteúdos estudados. Apesar das manifestações terem um olhar religioso, o teatro se faz presente ali, de forma diferente, mas ele existe.

O momento da escrita foi quando comecei a entender os meus limites, até porque vivenciar os fatos é uma coisa, passar para o papel é outra, como sabemos, tem que dialogar com autores e teorias que fermentam nosso trabalho. Tive insegurança, mas a escrita me fez perceber que isso é difícil e não impossível.

Já no processo criativo, coloquei as ideias para a cena, e ao mesmo tempo, me vi trocando experiências com aqueles jovens, momento oportuno para inserir o teatro em Bom Jesus. Foi quando, amadureci e entendi que a arte brota de cada um, ninguém ensina o outro a nada, mas repassa pensamentos que podem interferir direta e indiretamente na vida do outro. No processo da cena, jogamos com dois tipos aprendizado, de um lado o que eu adquiri na universidade, e de outro a experiências reais de todos nós.

Portanto, falar de tudo isso, é ter em mente que o teatro não se resume em disciplinas estudadas em sala de aula, ele cria novos caminhos, aproximam-se histórias coletivas e pessoais, gerando assim aprendizados. Ao escolher Bom Jesus como fonte desse trabalho, quis devolver a nossa história, através das memórias dos meus parentes, e me senti feliz ao ver jovens interessados em levar seus estudos a frente, mesmo que não seja através do teatro, mas fazer com que eles tenham esse foco já é muito gratificante.

Agora posso dizer que a tradição gera aprendizado, muitas pessoas estudam as memórias de outros lugares, se distanciando de sua própria memória, não que isso seja errado, mas na maioria das vezes o essencial está ao nosso lado e não enxergamos. É preciso voltar às nossas raízes, mesmo que não seja a intenção levar à frente essa memória pessoal. A tradição nos amadurece pelo fato de ultrapassar geração em geração, mesmo recebendo influências da atualidade, elas mantem a história que é passada oralmente.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa e FARO, Mayara Cristina Silva. *Saberes da cura: um estudo sobre pajelança caboca e mulheres pajés da Amazônia*. Revista Brasileira da História das Religiões. ANPUH, ano V, n° 13, maio de 2012.
- ANJOS, Franciney Pimentel dos; MIRANDA, Márcia da Silva. *O modo de vida dos idosos numa comunidade rural*. Belém, UFPA: 2003.
- BEZERRA, José Denis de Oliveira. *Memórias Cênicas: Poéticas Teatrais na Cidade de Belém (1957-1990)*: Belém: IAP, 2013.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 1 ed. Tradução: Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.
- CRUZ, Aline Elen Souza da; CORREA, Ana Paula Bezerra; MACIEL, Joleny Monteiro. *A Festividade de Santo Antônio: Uma Historicidade no Município de Santo Antônio do Tauá-Pará*. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Ipiranga, 2013.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- FERNANDES, José Guilherme dos Santos. *Pés que Andam, Pés que dançam: Memória, Identidade e Região Cultural na Esmolação de São Benedito em Bragança (PA)*. Belém: EDUEPA, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Medicinas populares e “pajelança cabocla” na Amazônia. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.
- MORIN, Edgar. *Ética, cultura e educação*. Alfredo Pena- Vega, Cleide R. S. de Almeida, Izabel Petraglia (orgs). -2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2003.
- OLIVEIRA, Ysmaille Ferreira de. *Corpu Divinu... A performance do seu Julico na Novena do Divino Espírito Santo em São Tomé*. Monografia de Especialização, Curso Especialização em Estudos Contemporâneos do Corpo: criação, transmissão, recepção, Instituto de Ciências da Arte: UFPA, 2010.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Tradução de Dora Rocha Flaksman. Revista Estudos históricos, Rio De Janeiro, 1989.
- S/a. *Catecismo*. Taubaté/SP: A LUCCHESI & CIA, 1957.

SALLES, Vicente. *O negro na formação da sociedade paraense*. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SANTOS, Thiago Lima dos. *Pajelança: religião e sociedade no século XIX e XX*. Trabalho apresentado na 29ª reunião brasileira de antropologia, realizado entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia Oral*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Editora: HUCITEC, 1997.

Entrevistas.

FURTADO, Oneide. *Entrevista*. Realizada por Raimunda Moraes, em Bom Jesus no dia 05 de novembro de 2015.

FURTADO, Cristiana. *Entrevista*. Realizada por Raimunda Moraes, em Bom Jesus no dia 29 de novembro de 2015.

FURTADO, Dora. *Entrevista*. Realizada por Raimunda Moraes, em Bom Jesus no dia 29 de novembro de 2015.

BELÉM, Manoel. *Entrevista*. Realizada por Raimunda Moraes, em Bom Jesus no dia 26 janeiro de 2016.

Sites pesquisados.

Link: <http://www.vagalume.com.br/padre-joaozinho/sao-sebastiao.html#ixzz3yfgR1mFU>